

Anderson Prado

**O ASSENTAMENTO ERNESTO CHE GUEVARA
TRAJETÓRIAS DE VIDAS E LUTA PELA TERRA
NO PARANÁ**

Passo Fundo, setembro de 2010

Anderson Prado

**O Assentamento Ernesto Che Guevara
Trajetórias de vidas e luta pela terra no Paraná**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História, do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade de Passo Fundo como requisito parcial e final para obtenção do grau de mestre em História, sob a orientação do Prof.Dr. Luiz Carlos Golin.

Passo Fundo

2010

Dedico essa obra a Rosani Prado,
minha irmã, por não ter poupado
esforços para que este estudo fosse
realizado. Rosani, a você meu eterno
obrigado.

Agradeço a minha companheira Eliane pela paciência com minha ausência, assim como também agradeço aos assentados que contribuíram para a pesquisa.

Trabalhadores de todo o mundo,
uni-vos.

Karl Marx

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo fazer um estudo do Projeto de Assentamento (P.A.) Ernesto Che Guevara, vinculado ao Movimento dos Trabalhadores Sem Terra no município de Teixeira Soares-PR. Mas especificamente, objetiva relatar a trajetória de vida de alguns de seus assentados, descrevendo como as histórias de vidas de tais trabalhadores deram forma à história do P.A.. O MST aparece para a grande parte da opinião pública como um movimento subversivo e muitas vezes de ideologia dúbia. Porém, tentou-se mostrar, através de relatos sobre a trajetória desses assentados, que, ao menos para eles, o Movimento dos Trabalhadores Sem Terra representou não só um meio para uma melhorar condições de vida, mas também uma esperança em meio às enormes privações sociais das quais passavam antes de se tornarem assentados. Os trabalhadores rurais vivem e trabalham enfrentando diversas dificuldades, desde a falta de apoio oficial até problemas como a divisão dos assentados em grupos opostos, porém, mesmo assim, alguns ainda conseguem organizar-se de forma coesa através de experiências vividas diariamente. Enfim, este trabalho objetiva ser um relato sobre a trajetória de vida dessas pessoas e que buscou entender o motivo que os levou a aderir ao Movimento, seus objetivos, suas dificuldades, enfim, suas histórias.

Palavras chave: MST; Sociabilidade; Identidade; Experiência; Classe

ABSTRACT

This work has for objective to do a study of the Project of Establishment (P.A.) Ernesto Che Guevara, linked to the Movement of the Workers Without Earth in the municipal district of Teixeira Soares-PR; he tells the life trajectory of some of yours seated. It describes as the history of such workers' life he/she gave form to the history of P.A. Ernesto Che Guevara. MST comes for the public opinion as a subversive movement and a lot of times of doubtful ideology. Even so, it tried to show, through reports on the trajectory of those seated, that, at least for them, the Movement of the Workers Without Earth represented, not only a middle for a better life condition, but also a hope amid the social privations. The rural workers live and they work facing several difficulties, from the lack of official support to problems as the division of those seated, even so, even so, some still get to be organized in way unified through experiences lived daily. Finally, a report on the trajectory of those people's life, that looked for to understand the reason that took them to stick to the Movement, its objectives, its difficulties, finally, its histories.

Words key: MST; Sociability; Identity; Experience; Class

LISTAS DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1- Foto publicada em 2001 no livro “ <i>A história da luta pela terra e o MST</i> ” – Mitsue Morissawa	37
Figura 2 – Imagem do Conflito no Paraná em 2000 – Foto cedida do P.A. Ernesto Che Guevara	39
Figura 3- Imagem da Manifestação na Estrada de Curitiba - Foto cedida do P.A. Ernesto Che Guevara	40
Figura 4 - Monumento MST – Curitiba – PR	41
Figura 5 – Mapa da Região conhecida como AMCESPAR	42
Figura 6- Imagem do dia da ocupação definitiva da fazenda Guarauninha - Foto cedida do P.A. Ernesto Che Guevara	49
Figura 7- Reunião do P.A. Ernesto Che Guevara – Foto Léo Heraki	57
Figura 8- Imagem da situação das estradas de acesso do P.A. Ernesto Che Guevara – Foto Léo Heraki	59
Figura 9 – Casa de Adelir/P.A Ernesto Che Guevara – Foto Léo Heraki	60
Figura 10- Imagem do abate de um porco, feito pela família de Laucir do P.A. Ernesto Che Guevara – Foto Léo Heraki	69
Figura 11– Plantação de hortaliças/Lilian – P.A. Ernesto Che Guevara – Foto: Léo Heraki	76
Figura 12– Criação de gado leiteiro de Eduino/P.A. Ernesto Che Guevara – Foto Léo Heraki	89
Figura 13 – Resfriador de leite de Eduino/P.A. Ernesto Che Guevara – Foto Léo Heraki	90
Figura 14- Imagem da Escola dentro do P.A Ernesto Che Guevara – Foto Léo Heraki	92

Figura 15- Ônibus usado para transporte escolar das crianças do P.A Ernesto Che Guevara – Foto Léo Heraki	93
Figura 16- Assembléia para elaboração do projeto: Compra Antecipada em 2009 – Foto Léo Heraki	94

LISTAS DE TABELAS

Tabela – Área agrária do Município de Teixeira Soares – PR	43
------------------------------------------------------------------	----

LISTAS DE ABREVIATURAS E SIGLAS

P. A. - Projeto de Assentamento.

MST - Movimento dos Trabalhadores Sem Terra.

ULTAB - União dos Lavradores e Trabalhadores do Brasil.

CPT - Comissão Pastoral da Terra.

MTR - Movimento Trabalhista Renovador.

INCRA - Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária.

AMCESPAR - Associação dos Municípios da Região Sul do Paraná.

EMATER - Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	13
1. ABORDAGENS SOBRE HISTÓRIA ORAL.....	18
1.1. Teorias sobre Movimentos Sociais.....	19
1.2. Teoria da Opressão.....	20
1.3. Teoria da mobilização de recursos.....	22
1.4. Alguns autores e suas teorias.....	23
2. ASPECTOS DA HISTÓRIA AGRÁRIA NO BRASIL.....	28
2.1. A luta pela terra no Brasil.....	31
2.2. O MST no Paraná.....	35
3. O ASSENTAMENTO ERNESTO CHE GUEVARA.....	42
3.1. Um estudo de caso sobre a história do assentamento.....	42
3.2. Projeto de assentamento Ernesto Che Guevara.....	44
4. A TRAJETÓRIA DE ALGUNS ASSENTADOS NO P.A. ERNESTO CHE GUEVARA.....	51
4.1. A vida de Lauvir.....	61
4.2. O papel da mulher no assentamento.....	70
4.3. Eduino Massurini: desde a “fundação”.....	79
4.4. O P.A. nos dias de hoje.....	91
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	95
BIBLIOGRAFIA.....	99

INTRODUÇÃO

Esta dissertação versa sobre a história da fundação do Assentamento Ernesto Che Guevara e sobre a trajetória de vida de alguns de seus principais militantes-assentados.

Escrever um trabalho de pós-graduação sobre o Movimento dos Trabalhadores Sem Terra parece, por um lado, um tanto massante – já que muitos trabalhos foram escritos sobre o movimento nos últimos tempos – e mesmo talvez parecesse continuar-se a “falar do mesmo”, sem se mostrar grandes novidades em relação ao que já teria sido dito em outros trabalhos sobre o tema. Por outro lado, parece uma empreitada das mais ousadas – pois escrever a história do MST em sua totalidade, além de já ter sido tentado com maior ou menor sucesso por alguns grandes estudiosos do Movimento – parece ser trabalho para toda uma vida. Assim é que, dentro dos limites temporais e acadêmicos de uma dissertação de mestrado, que necessariamente deve ser concluída em menos de três anos, nos propomos aqui a contar a história da formação de um único assentamento, localizado na região Centro-Sul do estado do Paraná, iniciado no ano de 1997, a partir da ocupação da antiga fazenda Guarauninha.

Escolhemos estudar o Assentamento Ernesto Che Guevara por vários motivos. Um destes está no fato de eu residir numa cidade próxima (Irati) àquela onde está localizado o assentamento, o município de Teixeira Soares, distantes uma da outra aproximadamente trinta quilômetros. Outro motivo seria a grande quantidade de assentamentos na região, sendo eles, o Assentamento João Maria Agostinho, Assentamento Mário Lago, Assentamento São Joaquim e Assentamento Ernesto Che Guevara, e, sobretudo, a vivência cotidiana nas áreas urbanas que se têm com os membros destes assentamentos.

Uma terceira motivação para escrever sobre o MST e, mais especificamente, sobre o Assentamento Ernesto Che Guevara, e talvez a mais importante, está no fato de

que este assentamento não havia sido, até aqui, alvo de nenhum tipo de pesquisa acadêmica ou de pós-graduação. E este foi um fator que me motivou por demais a desenvolver tal pesquisa.

Em função, portanto, de não haverem pesquisas e ou estudos sobre meu objeto de pesquisa (o assentamento supracitado) é que me vi obrigado a lançar-mão de documentação oral, ou seja, da coleta de entrevistas com assentados que estão ali desde seus primeiros tempos, quando a fazenda foi ocupada e posteriormente declarada como terra para fins de reforma agrária e sua transformação em lotes familiares. Por isso é que, como metodologia de pesquisa, utilizei-me do instrumental da História Oral, sobretudo a partir da perspectiva desenvolvida por Paul Thompson, para quem a história oral é de fundamental importância para a preservação da memória, Thompson relata a importância da oralidade das fontes, enfatizando que a história é transmitida oralmente desde a Antiguidade. Com isso pode resgatar, através da História Oral, desde as tradições e costumes de um povo, até uma simples trajetória de vida de um “desconhecido”. A versatilidade da História Oral teve grande contribuição para tal trabalho, pois sem a mesma não seria possível a análise da história dos assentados. Com base nesses pressupostos, foi possível trabalhar com o método da entrevista aberta, o qual permite deixar o entrevistado relatar abertamente sua história.

Com relação à teorização desse trabalho, buscou-se o embasamento em autores que já haviam trabalhado com o tema. Não abrimos mão de teóricos clássicos do assunto como Maria da Glória Gohn e José de Souza Martins, que estudam os Movimentos Sociais há tempos. Mas usei também nomes recentes como Maria Aparecida de Moraes Silva e Mitsue Morissawa, que não só retratam, mas também conceituam a história da luta pela terra no estado do Paraná, onde se encontra o assentamento estudado.

O trabalho está dividido em três capítulos. No primeiro capítulo, procuro debater um pouco sobre as teorias referentes aos ditos “movimentos sociais” e sobre o que pensam alguns de seus principais teóricos. Especial atenção dedico à teoria da *experiência* como fator fundamental de coesão e formador de uma “identidade” dos indivíduos que lutam por uma causa comum, tal qual desenvolvido pelo historiador inglês Edward Palmer Thompson. Para Thompson, a experiência pode ser a base para a formação de uma consciência. Portanto, para ele, é a partir das experiências adquiridas ao longo do processo de luta que se poderia pensar o surgimento de uma *consciência* de

seus membros em torno de tal objetivo comum. Esta compreensão consciente do estado da luta e de quem está do lado de quem – quem são os opressores e quem são os oprimidos – é que pode vir a surgir uma *consciência de classe*, tal qual desenvolvido por Marx no *Manifesto Comunista*, ou mesmo pelo próprio E. P. Thompson, em *A formação da classe operária inglesa* (tiradas aí, obviamente, as devidas diferenças em que o termo “consciência de classe” tem em cada um destes autores).

No segundo capítulo, procuro compreender um pouco da questão agrária no Brasil. Para tal, estudei alguns autores que falaram sobre a (má) distribuição de terras no país, desde seus primeiros tempos da colonização, quando o estado monárquico português doou-as e dividiu as terras em “capitanias hereditárias” e, posteriormente, em terras de grandes fazendas (os “engenhos de açúcar”) e manteve o monopólio da redistribuição fundiária por meio das chamadas sesmarias. Com a Lei de Terras de 1850 – que consolida efetivamente a ideia de *propriedade privada* das terras no Brasil, podendo estas virem a ser alienadas (compradas e ou vendidas) –, bem como com o início da exploração mais intensiva das lavouras do sudeste com mão de obra imigrante, o alto valor econômico que as terras assumem tornam quase impossível que um trabalhador comum possa um dia vir a tornar-se um proprietário de terras no sentido capitalista do termo.

Assim é que, com o alvorecer da mecanização do campo e com a industrialização urbana do país na primeira metade do século XX, a concentração fundiária no Brasil já está consolidada e com tendência a concentrar-se cada vez mais em poucas mãos, seja devido aos remanescentes fundiários de heranças de famílias tradicionais, sobretudo na região nordeste do país, seja pelas novas oportunidades que o capitalismo monopolista oferece àqueles que detêm já grandes fatias do latifúndio nacional, e que recebem polpudos incentivos públicos para modernizarem cada vez mais suas propriedades, tornando-as mais produtivas e competitivas.

O resultado disto tudo é que temos já no século XX, e mais ainda no século XXI, a grande massa de trabalhadores na condição de não-proprietários, na condição de meros vendedores de força de trabalho – quando conseguem trabalho! –, ou, como dizia Marx em *O capital*, como meros indivíduos “livres como os pássaros”; livres, por um lado, das cadeias da servidão (o que parece-nos positivo) e, por outro lado, livres das condições objetivas de subsistência, ou seja, como indivíduos expropriados da terra e de seus próprios instrumentos de trabalho.

No terceiro capítulo aparece o foco principal desta pesquisa. Ali, procuramos relatar a história da formação e consolidação do Assentamento Ernesto Che Guevara. Somos os primeiros a desenvolver uma pesquisa de cunho acadêmico-científico em tal assentamento, fato este que, por um lado, nos trouxe várias dificuldades de acesso a fontes documentais e mesmo de interpretação e, por outro lado, aumentou nosso desafio e ímpeto em desenvolver pioneiramente um trabalho de desbravar a sua história através dos relatos de seus integrantes. Nosso recorte temporal, assim, foi bastante curto, pois tal história, como dissemos, começa em 1997, quando da primeira ocupação da antiga fazenda Guarauninha. Em grande parte os fatos daquelas lutas da invasão inicial e dos desdobramentos seguidos da ocupação e assentamento propriamente dito estão ainda no calor dos seus acontecimentos, como nos mostram os relatos de seus integrantes como se o que nos contam estivesse acontecido há pouco.

Em parte, para suprir o problema de trabalhar com um tema de história tão recente, procuramos trabalhar, juntamente com a história do assentamento em si, as histórias individuais de alguns de seus principais membros, contando tanto suas trajetórias de vida quanto suas trajetórias enquanto militantes-assentados, trajetórias estas que, no fundo, se amalgamam e se completam. Percebemos, desta forma, que contar as trajetórias de vida de seus membros permitiu-nos enriquecer a pesquisa de tal maneira que a própria história do assentamento aparece amalgamada e possibilitada graças a estes indivíduos anônimos, mas que trazem dentro de si uma vontade enorme de lutar por condições dignas de existência.

A escolha de alguns assentados para que fizessem parte desse projeto teve alguns critérios indicativos, não sendo de todo casual, tendo em vista que não seria possível, ao menos no curto prazo, relatar a trajetória de vida de todos os assentados ali estabelecidos. Com isso, buscaram-se histórias de pessoas que tiveram participação na ocupação da fazenda, pessoas que tivessem perfis de liderança e efetiva ação nos vários momentos do desdobrar-se dos acontecimentos. Demos ênfase também ao papel da mulher no assentamento, mostrando sua trajetória de militante a dona de casa. Como dissemos acima, foi a partir dos relatos de vida de alguns de seus membros que pudemos contar a história do assentamento em sua totalidade.

Assim, como procuramos demonstrar ao longo dos capítulos, nossa intenção não foi desenvolver teoricamente o MST – pois isso já foi estudado por muitos autores com maestria –, mas sim aplicar essas teorizações já publicadas a um estudo de caso

específico, que, como todo assentamento tem aspectos que o identificam com os outros assentamentos, mas que, ao mesmo tempo, possui suas especificidades, ou seja, *modus operandi* próprio, condições históricas e culturais locais e que dão o *caráter* propriamente dito a este assentamento.

Em sumo, esta pesquisa teve por princípio transmitir, através dessas histórias de vidas, como se dá a luta pela sobrevivência no campo, sobretudo dos pequenos agricultores e assentados. Mas, por fim, esta pesquisa acabou por relacionar também essas trajetórias de vidas dos assentados com a história do projeto de Assentamento Ernesto Che Guevara, visto que as histórias de ambos estão ligadas. Por último, se faz necessário dizer que este estudo se constitui em uma investigação preliminar, e que o tema ainda permite diversas outras abordagens devido à sua complexidade e dinamicidade.

1. ABORDAGENS SOBRE A HISTÓRIA ORAL

Para que pudesse obter resultados satisfatórios nessa pesquisa, buscou-se usar o máximo das teorizações feitas em torno do tema, assim como também foi dada a devida importância às metodologias usadas para a elaboração do trabalho. Nisso, além de utilizar conceitos sobre os Movimentos Sociais, lançou-se mão também da metodologia da História Oral, pois, com a preocupação de tentar relatar a trajetória de vida dos assentados – tendo sido eles um dos objetos principais desse estudo – se fez necessário o uso de tais conceitos. Foi através de entrevistas feitas diretamente com os assentados que se conseguiu uma aproximação da história do Assentamento Ernesto Che Guevara, em Teixeira Soares – PR.

A história oral, segundo Paul Thompson, é tão antiga quanto a própria História. O conhecimento sobre o passado, por séculos, se baseou na oralidade. A tradição e a cultura de um povo eram mantidas e transmitidas através de histórias “contadas”. Nisso, os pressupostos da história oral nos ajudam a contar de forma abrangente tanto a história de vida como o cotidiano de tais personagens.

A história oral não só abrange a história em si, mas também outras áreas, o que contribui para uma maior interdisciplinaridade acadêmica.

Não é possível fixar uma fronteira nítida em torno do trabalho de um movimento que reúne tantas espécies diferentes de especialistas. O método de história oral é utilizado também por muitos estudiosos, particularmente sociólogos e antropólogos, que não se consideram historiadores orais. O mesmo se dá com jornalistas. Contudo, todos eles podem estar escrevendo história; e, sem dúvida, estão provendo à história. Por motivos diferentes, também os historiadores profissionais provavelmente não pensam em seu trabalho como “história oral”. Muito acertadamente, seu enfoque é sobre um problema histórico que escolheram e não sobre os métodos utilizados para resolvê-lo; e geralmente optam por utilizar a evidência oral juntamente com outras fontes, e não sozinha.¹

Usando o método da entrevista aberta, ou seja, deixando o entrevistado “livre” para relatar sobre sua vida, sua trajetória, seus medos, anseios, suas lutas e também suas conquistas. Tais informações foram parâmetros fundamentais para que se chegasse a um

¹ THOMPSON, Paul. *A voz do passado – história oral*. São Paulo: Paz e Terra, 1992, p. 104.

resultado satisfatório em termos analíticos, tanto da história como do dia a dia dos entrevistados. Dando a devida importância à subjetividade de tais fontes, como orienta Sonia Maria de Freitas em seu prefácio escrito da obra de Thompson:

Um dos aspectos mais polêmicos das fontes orais diz respeito à sua credibilidade. Para alguns historiadores tradicionais os depoimentos orais são tidos como fontes subjetivas por nutrirem-se da memória individual, que às vezes pode ser falível e fantasiosa. No entanto, a subjetividade é um dado real em todas as fontes históricas, sejam elas orais, escritas, ou visuais. O que interessa em história oral é saber por que o entrevistado foi seletivo, ou omissivo, pois essa seletividade com certeza tem seu significado. Além disso, este século é marcado pelo avanço sem precedente nas tecnologias da comunicação, o que abalou a hegemonia do documento escrito.²

Nos relatos feitos pelos assentados, se percebeu tanto a mágoa pela infância repleta de privações sociais, como a nostalgia pela terra natal deixada para trás. Sendo assim, ressalta-se a importância de “historicisarmos” esses personagens anônimos, que tanto contribuem, não apenas como sociedade, mas também como importantes fontes históricas.

O desafio da história oral relaciona-se, em parte, com essa finalidade social essencial da história. Essa é uma importante razão porque ela tem excitado tanto alguns historiadores e amedrontado tantos outros. Na verdade, temer a história oral como tal não tem fundamento.³

Dessa forma, tentou-se “explorar” essas fontes, para que, de certa forma, fosse relatada a trajetória desses assentados, desde sua partida da terra natal até os dias atuais. As histórias de vida, as lutas, as alegrias, enfim, as experiências que viveram e participaram, que de uma forma ou de outra acabaram por dar forma a um grupo, o dos “Assentados do Projeto de Assentamento Ernesto Che Guevara” no sul do Paraná.

² THOMPSON, Paul. *A voz do passado – história oral*. São Paulo: Paz e Terra p. 18.

³ Idem, p. 21-22.

1.1. Teorias sobre Movimentos Sociais

Como já citado, esse trabalho versará sobre personagens que constituem, de diversas formas, a base de um “levante” social no que diz respeito à sociedade contemporânea. Nisso, falamos diretamente sobre o MST, o qual norteará essa pesquisa e que também se mostra como um dos maiores, senão o maior, Movimento Social no país. Com isso, se faz pertinente uma descrição, contudo não minuciosa sobre as características e origens, assim com também sobre a teorização dos “ditos” Movimentos Sociais.

Os movimentos sociais constituem um dos temas mais relevantes da História contemporânea, apresentando uma gama de abordagens e segmentos teóricos que permitem caracterizar e compreender os movimentos e sua importância social. Não são novidades perante a história, porém, à medida que as sociedades se tornaram mais participativas, democráticas e menos autoritárias, esses movimentos sociais adquiriram uma relevância cada vez maior. “Os movimentos sociais se configuram como mecanismos, através dos quais o povo se manifesta e se organiza para reivindicar aquilo que diz respeito a seus interesses e necessidades”.⁴

A história mostra que os movimentos sociais sempre estiveram presentes em todas as sociedades: movimentos de escravos e religiosos na Antiguidade, movimentos de mercadores na Baixa Idade Média etc. Com o advento do capitalismo na Idade Contemporânea, surgiram os movimentos operários. Hoje temos os chamados “novos” movimentos sociais, tais como movimentos ecológicos, pacifistas, feministas, entre outros. Existem várias teorias sobre movimentos sociais que buscam explicar suas origens, como veremos a seguir.

1.2. Teoria da Opressão

Também chamada de Teoria da Tensão e Carência, tem um caráter de cunho marxista. Marx e Engels propunham aos trabalhadores a revolução como alternativa de

⁴ SILVA, Eni Ferreira. *Sociologia: consensos e conflito*. org. Rita de Cássia da Silva Oliveira, Ponta Grossa Ed. UPG, 2001, p. 91.

luta contra o capitalismo. Essa teoria propugna por melhores condições de vida ou, simplesmente, pelo combate à miséria.

A opressão pode ser de vários tipos: de discriminação no trabalho, na distribuição de bens e serviços, na limitação dos recursos na educação, na oportunidade habitacional, no acesso aos benefícios sociais, nas restrições de toda ordem, inclusive na impotência política.⁵

Ou seja, aqui Afonso Trujillo relata que o indivíduo que tem no seu cotidiano inúmeras privações sociais, e onde os limites do sociável beiram o fim, vê formarem-se as condições para a criação e desenvolvimento de Movimentos Sociais. Nisso, alguns marxistas são contundentes em direcionar a fragmentação das relações humanistas entre proprietário e expropriado ao avanço capitalista e à ascensão burguesa, pois, onde quer que tenha chegado ao poder, a burguesia pôs fim a todas as relações patriarcais, feudais e eliminou qualquer modo de ligação entre os homens que não fosse o interesse nu e cru, senão o frio “dinheiro vivo”. Reduziu a dignidade pessoal a simples valor de troca. A exploração do trabalho, antes disfarçada sob ilusões religiosas e políticas, a seguir com o domínio burguês, foi substituída pela exploração aberta, cínica e brutal. Para Marx, a burguesia não conhecia fronteiras, alastrava-se pelo mundo inteiro expurgando culturas, eliminando relações afetivas, resumindo tudo à produção/lucro. “A burguesia submeteu o campo à dominação da cidade”.⁶

Contudo, com relação à teorização dos Movimentos Sociais por concepções marxistas, as mesmas podem não ser suficientes, segundo Maria da Glória Gohn, apesar de teóricos dos Movimentos Sociais simpatizarem com o neomarxismo, o qual aborda tais movimentos a partir da ideologia, luta social e consciência, e faz isso no âmbito estrutural, deixando assim a ação do indivíduo oculta. Nisso relata Maria Glória Gohn:

A negação do marxismo como campo teórico capaz de dar conta da explicação da ação dos indivíduos e, por conseguinte, da ação coletiva da sociedade contemporânea tal como efetivamente ocorre. Apesar da simpatia de teóricos dos NMS pelo neomarxismo, que enfatiza a importância de consciência, ideologia, lutas sociais e solidariedade na ação coletiva, o marxismo foi descartado porque trata da ação coletiva

⁵ TRUJILLO, Ferrari Afonso. *Fundamentos de Sociologia*. São Paulo: Mc Graw Hill do Brasil, 1993, p. 511-513.

⁶ MARX, Karl; ENGELS, Frederich. *Manifesto do partido comunista*. [Tradução de Sueli Tomazzini Barros Cassal]. Porto Alegre: Ed. L&PM, 2006, p. 31.

apenas no nível das estruturas, da ação das classes, trabalhando num universo de questões que prioriza as determinações macro da sociedade. Por isso não daria conta de explicar as ações que advêm de outros campos, tais como o político e, fundamentalmente, o cultural.⁷

1.3. Teoria da mobilização de recursos

As inúmeras teorias sobre o tema nos permitem transitar entre muitas disciplinas acadêmicas, fazendo de tal abordagem um vasto campo para pesquisa. Nisso, a socióloga Eni Ferreira da Silva comenta que opressão, carência e tensão não são suficientes para explicar o surgimento de todos os movimentos sociais.

Em todas as sociedades há sempre pessoas descontentes com o nível de equilíbrio social. Essas pessoas necessitam de líderes que organizem o movimento e que tenham poder e recursos, bem como capacidade de mobilizar seguidores.⁸

Com isso analisa que o Movimento Social vai além da necessidade de um indivíduo ou grupo, e sim exige uma mobilização, de certa forma organizada, para que tome forma, coesão e seja reconhecido como movimento. Tendo analisado sucintamente tais teorias, vemos que no Brasil nenhum movimento foi tão importante e de tamanha repercussão como o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, o MST, que tem sua história ligada às lutas pela terra e que quase três décadas após sua fundação ainda se mostra atuante na sociedade, porém, a história desse importante Movimento Social será relatada adiante nesse trabalho.

A luta pela terra não é algo recente. Tal busca muitas vezes tem como objetivo a sobrevivência do homem, a preservação de sua cultura e a auto-afirmação social. Mas, tendo sempre como agente histórico social o homem. Nisso, o mesmo vê na terra um meio tanto de sobrevivência como de proteção à instabilidade da sociedade em que vive, fazendo da terra algo indispensável para sua existência. Sentimento que se arrasta pelo

⁷ GOHN, Maria da Glória. *Teoria dos Movimentos Sociais, paradigmas, clássicos e contemporâneos*. São Paulo: Ed. Edições Loyola, 2004, p. 122.

⁸ SILVA, Eni Ferreira, *Sociologia: consensos e conflitos*, org. Rita de Cássia da Silva Oliveira. Ponta Grossa Ed. UPG, 2001, p. 101.

tempo, sociedades e culturas, mas que continua como princípios do homem como “ser existencial”. Para o “exercício” desses anseios, ou seja, para que seja possível tal luta, o homem teve que reconhecer-se como parte de uma classe, criando assim, conscientemente ou não, uma identidade.

1.4. Alguns autores e suas teorias

Como essa pesquisa foi direcionada aos Movimentos Sociais ligados ao campo, ou seja, sobre as vicissitudes no decorrer de determinado período relacionadas à luta pela terra, buscamos nos embasar também em alguns autores que teorizaram sobre o tema e que contribuíram para uma abordagem teórica sobre o assunto. Alguns historiadores abordam o tema a “consciência de classe” de maneira histórica. Eduard Palmer Thompson fundamenta isso em seus livros: *A formação da classe operária inglesa I e II: A árvore da Liberdade e A maldição de Adão*. “Não podemos ter amor sem amantes, nem submissão sem senhores rurais e camponeses.”⁹

Segundo ele, não por acaso que as experiências norteiam, e muito, o sentido de um grupo ou sociedade. No caso da História Social, elas se fazem presentes constantemente nas relações de cultura e poder entre os “personagens” de uma sociedade, os quais protagonizam um fazer histórico de sua cultura, e tendo nas divergências o ponto principal para legitimar suas idéias e interesses.

É no bojo desse discurso que E.P.Thompson fundamenta seus conceitos em relação à experiência, os quais embasaram teoricamente essa pesquisa. Thompson, em seus livros, *A formação da classe operária inglesa vols. I e II*, relata a formação de uma classe, e posteriormente a formação da classe camponesa, lançando a ideia de que a classe não se formou da noite para o dia, “e no amanhecer estava lá como o sol, numa hora determinada. Ela estava presente ao seu próprio fazer-se”.¹⁰ Segundo Thompson, pode-se analisar que as experiências são a base para a formação de uma consciência de classe, mesmo nos deparando com exemplos de trabalhadores que têm as mesmas

⁹ THOMPSON, E.P. *A formação da Classe Operária Inglesa I: a árvore da liberdade*. São Paulo: Ed. Paz e Terra S/A, 1997, p. 10.

¹⁰ Idem, 1997, p. 10.

experiências no trabalho ou em seu meio cultural, mantêm as mesmas regras, participam de leis parecidas, padecem dos mesmos “sofrimentos” em seus trabalhos. Parecem formar uma classe, mas, segundo o autor, isso não é o suficiente para a formação da consciência, pois muitas vezes as pessoas agem quase que automaticamente no seu cotidiano como seres condicionados. Mas, seria a partir dessas experiências que a consciência de classe tomaria forma, vivenciando as mesmas experiências, porém, tendo a “noção” de que fazem parte de uma classe, com relações de trabalhos e de cultura, sejam elas servis ou patronais. Cada trabalhador fazendo das divergências entre essas experiências a busca pela legitimidade de sua classe.

Contudo, o autor faz uma crítica a alguns textos marxistas contemporâneos que deturpam a idéia de classe, e relata que “ela é tomada como tendo uma existência real, sendo muitas vezes definida quase que matematicamente. “Existe uma tentação generalizada em se supor que a classe é uma coisa. Não era esse o significado em Marx, em seus escritos históricos, mas o erro deturpa muitos textos “marxistas” contemporâneos”.¹¹ Também faz uma crítica a Althusser em sua outra obra “*A teoria da miséria*” em especial à negação que os althusserianos fazem ao “conteúdo de vida”. Para Thompson, tal maneira de abordar a história pode desconsiderar complexidades que ajudam a entender tais experiências.

“Assim, a partir de diferentes contradições econômicas e sociais, e problemas, emergem novas experiências e esperanças, novos pensamentos e valores que expressam as respostas humanas aos acontecimentos e às eventuais mudanças. Tais aspectos, segundo Thompson, seriam irrelevantes para Althusser, que nega a importância do “conteúdo da vida”, “do povo”, “mundo real”, o qual, segundo Thompson, uma pesquisa mais profunda pode revelar as complexidades dinâmicas da experiência vivida no movimento da história”.¹²

Com base em seus conceitos, Thompson estuda a formação da classe camponesa, entre o final do séc. XVIII e início do séc. XIX, na Inglaterra, onde se concentrava “o maior grupo de trabalhadores dentre todos os setores – os

¹¹ THOMPSON, E.P. *A formação da Classe Operaria Inglesa I: a árvore da liberdade*. São Paulo: Ed. Paz e Terra S/A, p. 10.

¹² MULLER, Ricardo Gaspar. *Revisitando E.P. Thompson e a “Miséria da teoria”*. Diálogos, DH/PPH/UEM, 2007 V. 11.n.1/n2 p. 97-136.

camponeses¹³”, que viviam e trabalhavam em terras comunais e na grande maioria praticando uma agricultura de subsistência, nas quais alguns tinham o direito da produção e outros apenas usufruíam daqueles poucos “acres”¹⁴ de terra com sua força de trabalho. Essas terras geralmente não eram legitimadas como posse comum daquela ou de outra comunidade, e eram na maioria das vezes terras há muito tempo ocupadas por trabalhadores que, com suas famílias, se uniam e usufruíam delas para o sustento, tendo no trabalho agrícola não mecanizado sua única forma de vida.

Com o passar do tempo, estes trabalhadores rurais, além do trabalho pesado, também tinham de enfrentar a insegurança de seu sustento, pois esse sistema de trabalho começara a sucumbir com o avanço dos “cercamentos”,¹⁵ que culminaram em uma distinção aparente entre os camponeses que “acordaram” para a consciência de classe e os que apenas lamentaram a perda de seu espaço. Isto não diferenciou o desfecho de ambos, que foram engolidos pelos grandes cercamentos. De um vilarejo a outro este sistema avançava dizimando a economia de subsistência dos pobres, que já era precária, e tendo como único argumento, usado pelos defensores dos cercamentos, o aumento de produtividade e das rendas.

“O indivíduo sem prova legal dos seus direitos, raramente era compensado. Aquele que conseguia prová-los recebia um pedaço de terra impróprio para prover a sua subsistência, sendo obrigado a arcar com uma parcela desproporcional nos altos custos dos cercamentos”.¹⁶ E isso caracterizou o roubo legalizado contra os camponeses que pouca coisa puderam fazer. Sendo assim, os cercamentos representaram uma “corrosão” nas relações consuetudinárias dos homens com os meios de produção agrícola. As conseqüências foram drásticas, principalmente no campo, culminado em uma falta de perspectiva na grande maioria dos camponeses, além da opressão presente.

Mas, como Thompson relata, faz-se presente também nesse período um “nacer” da classe camponesa, que adquire uma noção de identidade. Alguns camponeses

¹³ O censo de 1831 mostrou que 961.000 famílias estavam empregadas na agricultura, ou seja, 28% do total das famílias da Grã-Bretanha.

¹⁴ Nome dado a unidade de medida de área que equivale 4046,856 m².

¹⁵ Os cercamentos consistem em um movimento realizado no período da Revolução Industrial na Inglaterra, onde advindo de um sistema feudal no qual a terra era um bem comum para a produção camponesa, a propriedade passa a ser cercada (demarcação de terras) para a produção de pastagens e criação de ovelhas, em função da necessidade de lãs para as indústrias, e torna-se então um bem privado de posse dos senhores feudais, grandes latifundiários.

¹⁶ THOMPSON, E.P. *A formação da Classe Operaria Inglesa II: a maldição de Adão*. São Paulo: Ed. Paz e Terra S/A, 1998, p. 44.45.

encurralados pelo sistema de cercamentos organizam-se e exigem melhores condições, mesmo através da violência, tendo algumas vezes suas reivindicações aceitas. Mesmo que timidamente, isso criou uma identidade no homem do campo, que futuramente viria a legitimar essa identidade como símbolo de classe em muitos países, inclusive no Brasil.

Elias Brandão, historiador brasileiro, também relata sobre o tema, toma a consciência como fruto dos conflitos sociais. Diz que a consciência deriva do significado de que consciência é saber que está fazendo, fazer algo com ciência de que está fazendo. “A consciência, a rigor, não é potência, mas ato [...]. [Ela] implica [...] a relação do saber com outra coisa. Ora, a implicação do saber a uma coisa realiza-se por um ato”.¹⁷

Contudo, Elias Brandão ainda comenta que, a seguir ao ato de “emergir” para a consciência, vem a consciência filosófica, ou seja, uma fase de questionamentos daqueles que resolvem não apenas participar dessa “classe”, mas sim buscar também o conhecimento através do questionamento. Com isso, destina-se ao indivíduo que busca tal conhecimento a consciência filosófica.

Em um assunto tão fértil, não são raras as divergências entre autores. Para Marx, o trabalho é o principal elemento da sociedade. Exercendo o trabalho é possível pensar, comunicar-se, interagir em relações sociais, e de certa forma desenvolver uma determinada consciência. Porém, uma sociedade capitalista se fundamenta no trabalho organizado, e isso dá origem às classes sociais, nas quais o proletário tem sua força de trabalho explorada pelo burguês (dono dos meios de produção). Ocorre então uma desarmonia social, determinando o antagonismo entre a burguesia e o proletariado, sendo esta relação dependente uma da outra. “Só existem proprietários porque há uma massa de despossuídos, cuja única propriedade é sua força de trabalho, que precisavam vender para assegurar a sua sobrevivência”.¹⁸

Segundo Marx há uma linha de certa forma “pessimista” em relação às classes sociais (proletários - burgueses), afirmando que os empregados são submetidos a uma dominação econômica, fazendo de sua força de trabalho uma mera mercadoria lucrativa à classe burguesa. Tendo em vista que, para Marx, o trabalho para a burguesia é

¹⁷ RUSS, Jaqueline. *Dicionário de filosofia*. São Paulo: Ed. Espicione, 1994, p. 48.

¹⁸ COSTA, Maria Cristina. *Sociologia: introdução à ciência da sociedade*. São Paulo: Ed. Moderna, 1997, p. 86.

sinônimo de conforto, riqueza e esperança, e para o proletário o trabalho gera sacrifícios, privações sociais e a não liberdade.

Para Marilena Chauí, essa interação entre os proletários é uma forma de consciência.

[...] se a práxis é socialmente determinada, se a consciência é determinada pelas condições sociais do trabalho, nem tudo está perdido. Pelo contrário. [...] no capitalismo industrial as condições de trabalho forçam os trabalhadores a trabalhar juntos e conviver em seu local de trabalho.¹⁹

Segundo Chauí, estão dadas aos trabalhadores, as condições de reconhecerem-se como classe, com consciência para suas reivindicações.

Com o advento do capitalismo, essa diferença social fica notória na sociedade, a distância entre o dono dos meios de produção e o proletário se torna cada vez maior, e, nesse processo, Marx, usa o conceito de mais-valia. Todo o excedente de trabalho do proletário se transforma em mais capital ao patrão, que então paga pela força de trabalho o suficiente apenas para a subsistência do proletário, que novamente trabalha e produz o excedente, mantendo esse vínculo que é “combustível” para a desigualdade social. Enfim, fica claro que, com o passar dos anos, o homem aprendeu com seu trabalho, com sua luta e com suas experiências, fazendo de seu “laboro” uma “ante sala” para reconhecer-se como agente social, ou seja, identificar-se como classe e adquirir espaço no meio social. Isso se deu na maioria dos meios das categorias sociais e, como não haveria de ser diferente, no campo essa consciência teve fundamental importância, pois como já foi dito, a luta pela terra sempre norteou os anseios do homem.

O cultivo da terra, seja em grande ou em pequena escala, sempre foi importante para qualquer sociedade. Uma nação não sobreviveria sem a terra e, nesse meio, tanto as relações de trabalho como a luta pela posse sempre foram de certa forma conflituosas, gerando, no decorrer da história, contendidas, conflitos e guerras.

¹⁹ CHAUI, Marilena. *Convite à filosofia*. São Paulo: Ed. Ática, 2000, p. 420.

2. ASPECTOS DA HISTÓRIA AGRÁRIA NO BRASIL

A discussão a cerca do assunto referente à origem dos “problemas” da distribuição de terra em nosso país remonta vários vícios e apontamentos, entre eles o fato de que o latifúndio atual tende a ter sua origem já na colonização. Segundo muitos pesquisadores do tema relatam que grande parte dos problemas agrários atuais no Brasil teve início na sua formação territorial. Nisso, a concentração de terra é fruto de longa “contenda” entre portugueses e nativos que aqui viviam no início da “distribuição de terra feita pela coroa portuguesa.” Isso se arrastou por séculos, aumentando cada dia mais o latifúndio, e de certa forma a monocultura. Com o passar do tempo, valores econômicos foram decisivos para uma nova concepção de propriedade. Isso se deu no período do advento abolicionista, quando surge a necessidade de legitimar a terra, dando a ela um status de propriedade. A lei de terra de 1850 veio para ratificar o poder aristocrata e legitimar suas grandes propriedades. A terra se tornou algo, além de produtivo, um bem de enorme valor comercial, deixando os “despossuídos” mais distante dela. A partir do séc. XIX, batalhas foram travadas pela redistribuição. Desde “Canudos” até hoje, com o MST, a luta é intensa, ora ideológica, ora messiânica. A terra sempre foi o eixo principal de luta e resistência. No Brasil, a origem da disputa pela terra é secular, e talvez seja redundante remeter o assunto a um resgate temporal tão grande, porém, se faz necessária uma breve abordagem para a devida contextualização.

Já na colonização os portugueses germinaram aqui o latifúndio, dividindo o Brasil, um país com dimensões continentais, em poucas faixas de terras e entregando-as a poucos donatários, favorecendo, no séc. XVI, uma agricultura com base na monocultura, que se estendeu por muito tempo. A formação territorial da colonização do Brasil se manteve basicamente litorânea, mas nem por isso de proporções pequenas. Logo após a exploração de recursos naturais, durante algumas décadas a colônia portuguesa (Brasil) objetivava uma produção de produtos agrícolas em grande escala.

Naquele momento, o Brasil deixava de estar no plano “secundário” de Portugal, pois o comércio com as Índias continuava lucrativo, e para isso faziam-se necessários alguns pontos estratégicos, que vieram a ser as colônias. Com isso a coroa portuguesa cede, em forma de benefício, o *usufruto*, a muitos nobres portugueses interessados.

Formam-se aí então as chamadas Capitânicas Hereditárias que, organizadas no já caduco sistema feudal, corriam o grande risco de não funcionar, o que de fato aconteceu. Não preparados para enfrentar a falta de mão de obra, pois, segundo o historiador Sérgio Buarque de Holanda, o índio não se adaptou ao trabalho que os portugueses quiseram lhe impor e, não havendo interesse da coroa portuguesa em prestar auxílio a esses colonos, muitos desistiram e abandonaram suas capitânicas, sendo que apenas duas resistiram. Seguindo a ordem cronológica dos fatos, houve um grande avanço no descobrimento territorial do interior do Brasil com os bandeirantes, tornando-se ainda maior nosso território, e naquele momento (séc. XVI e XVII) as terras brasileiras já serviam como grandes produtoras de cana de açúcar.

Levando em consideração que o açúcar tinha enorme peso na balança comercial da Europa, grandes produtores (senhores de engenho) dessa importante matéria prima, tomaram conta de boa parte do território de cultivo da colônia, caracterizando assim nossa agricultura em forma de grandes propriedades e nas mãos de poucos Senhores de Engenho. Tendo a monocultura e a mão de obra escrava como base, Buarque de Holanda deixa claro que a má distribuição de terra, que é muito questionada hoje no país, teve seu início na colonização.

É pertinente ressaltar que o sistema de concessão de enormes faixas de terras em sesmarias, por longos 300 anos, determinou o regime dominial de terras brasileiras, [...] Essas observações nos levam, portanto, a nuançar a avaliação de que o sistema sesmarial foi o responsável pelo caráter latifundiário da nossa estrutura agrária.²⁰

O historiador Caio Prado Jr. relata em sua obra *História Econômica do Brasil*, a formação territorial do Brasil e como se engendrou tal distribuição:

O regime de posse da terra foi da propriedade alodial e plena. Entre os poderes dos donatários das capitânicas estava, como vimos, o de disporem das terras, que se distribuíram entre os colonos. As doações

²⁰ STEFIANIAK, Jeaneth Nunes. *Propriedade e função social: perspectivas do ordenamento jurídico e do MST*. Ed. UEPG, 2003, p. 54.

foram em regra muito grande, medindo-se lotes por muitas léguas. O que é compreensível: sobravam as terras, e as ambições daqueles pioneiros recrutados a tanto custo, não se conteriam evidentemente com propriedades pequenas, não a posição de meros camponeses que aspiravam no novo mundo, mas de grandes senhores latifundiários.²¹

Também temos que considerar que, no contexto da época, o emergente capitalismo justificaria tal forma de colonização:

Antes de tudo convém ter em conta que no caso brasileiro o problema agrário se propõe de modo diverso daquele de sua clássica formação latino americana. A grande propriedade territorial no Brasil, voltada para a produção de artigos tropicais destinados à exportação, como açúcar e o café, foi responsável pela constituição de uma burguesia agrária que teve papel fundamental no desenvolvimento econômico brasileiro.²²

No decorrer da história, mudanças tanto no cultivo da terra quanto nos interesses de seus detentores, culminaram no ato de legalização dessas terras, nisto, a Lei de Terras tornou a apropriação um ato ilegal, permitindo somente a comercialização, como é hoje. Com essa lei, o governo evitou o apossamento de terras por imigrantes e escravos recém-libertos, mantendo assim as grandes propriedades, o que também é um fato atual. Por conta de tal lei, os mais ricos continuaram com muitas terras e os pobres com cada vez menos, e com isso a terra foi ganhando um significado diferente e a partir da lei de terras, no sec. XIX, ela passou a ter não apenas valor de produção ou de “status” como sempre teve, mas, começou a ter valor comercial, e com isso se acirraram as disputas pela terra.

Foi dentro desse contexto que Dom Pedro II promulgou a Lei nº 601, de 18 de setembro de 1850, conhecida como a primeira Lei de Terras, que definiu a forma como seria constituída a propriedade privada da terra no Brasil. Essa lei determinava que somente poderia ser considerado proprietário da terra quem legalizasse sua propriedade nos cartórios, pagando certa quantidade em dinheiro para a Coroa. Essa lei discriminou os pobres e impediu que os escravos libertos se tornassem proprietários, pois nem uns nem outros possuíam recursos para adquirir parcelas de terra da Coroa ou para legalizar as que possuíam. [...] outra consequência social dessa lei foi a consolidação

²¹ PRADO Jr, Caio. *História Econômica do Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1973, p. 33.

²² MARTINS, José de Souza. *O sujeito oculto: ordem e transgressão na reforma agrária*. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2003, p. 194.

do grande latifúndio como estrutura básica da distribuição de terra no Brasil.²³

Contudo, as mesmas leis de terra que asseguraram o direito à propriedade acabaram por legitimar também sua função social, ou seja, o efeito social que a posse ou a “não posse” da terra teria, deu legitimidade para movimentos de luta pela terra. Faz-se pertinente citar o Artigo 5º - XXIII da nossa Constituição Federal de 1988:

- É garantido o direito à propriedade;
- A propriedade atenderá à sua função social;
- A lei estabelecerá o procedimento para desapropriação por necessidade ou utilidade pública ou por interesse social, mediante justa e prévia indenização em dinheiro, ressalvados os casos previstos nesta Constituição.

Assim sendo, muitos dos movimentos sociais aliam suas necessidades com a consciência de que podem lutar por menos privações sociais, para divergir e também exigir, tanto do poder público quanto da sociedade, (que ainda “deita” sobre o direito sagrado burguês, a propriedade privada) uma diminuição da desigualdade social.

2.1. A luta pela terra no Brasil

Segundo o diretor nacional do MST, João Pedro Stédile, a luta pela terra no Brasil, historicamente costuma ser dividida em três fases pelos historiadores.

A primeira fase, de 1850 a 1940, foi conhecida como “Lutas messiânicas”. No Brasil, as revoltas camponesas como a de Canudos, no final do século XIX, e como a do Contestado, no começo do século XX, foram exemplos de lutas messiânicas. Tais movimentos restringiram-se à região onde aconteceram, ou seja, ao nordeste da Bahia e ao oeste Catarinense (respectivamente), e não se propagaram para todo o país. Além disso, tanto a revolta de Canudos como a do Contestado tiveram aspectos messiânicos e

²³ STÉDILE, João Pedro. *A questão agrária no Brasil*, coordenação Wanderley Loconte, Ed. Atual Ltda., São Paulo, 1997, pg. 11.

até mesmo místicos, ou seja, manifestações baseadas na confiança religiosa. “Tinham a idéia de um “retorno ao passado” mais do que uma transformação do presente”.²⁴

Entre as décadas de 1940 e 1960 se deu a segunda fase da luta pela terra, conhecida como “Lutas radicais localizadas”. Em geral, a maioria dos conflitos se deu pela valorização das terras em estados onde passavam estradas ou se urbanizaram regiões. Ocorreram vários conflitos marcados por violências em algumas regiões do país, com os “posseiros” lutando e defendendo suas terras com armas em punho.

Alguns desses conflitos, apesar de regionalizados, tiveram notoriedade nacional. Conflitos como a luta dos posseiros de “Teófilo Otoni”, MG (1945-1948), a revolta “Dona Nhoca” no Maranhão (1951), a revolta no sudoeste do Paraná (1957), entre outras.

A terceira fase aconteceu entre o final da década de 1950 e 1964. Foi determinada pelo surgimento dos movimentos camponeses organizados. A União dos Lavradores e Trabalhadores Agrícolas do Brasil (ULTAB), naquele momento já formado enquanto classe (1950 - 1964), tinha respaldo comunista e fazia-se presente em boa parte do país. A ULTAB tinha como linha ideológica o pensamento comunista e pregava o “radicalismo” para defender a Reforma Agrária, usando como discurso de seu lema “a Reforma Agrária na lei ou na marra”. Mas, no contexto ditatorial dessa época, estes movimentos foram dizimados pela ditadura militar, inclusive com o extermínio de seus líderes e o exílio de muitos, resultando em uma derrota significativa para a reforma agrária.

Em março de 1964, com o golpe militar, implantou-se um governo que reprimiu violentamente todos os movimentos camponeses, sob o pretexto da ameaça comunista. As principais lideranças foram presas, muitos tiveram que amargar o exílio, centenas de lideranças foram assassinadas. Implantou-se um clima de terror e medo no interior do Brasil. Falar em reforma agrária era candidatar-se a muitos meses de prisão.²⁵

E, nesse momento, o campo sofria com o desemprego, pois a agricultura passava por um processo de modernização, a qual beneficiava as grandes propriedades, enquanto no meio urbano, a industrialização já não acolhia a mão de obra advinda do êxodo rural (o que mesmo assim aconteceu). Então os camponeses precisariam, de

²⁴ COMPARATO, Bruno Konder. *A ação política do MST*. São Paulo: Ed. Perspectiva, 2001.

²⁵ Stédile, João Pedro, *A luta pela terra no Brasil*, Ed. Pagina Aberta Ltda. 1993, pg.21.

alguma forma, se “lançar” com uma ideologia não só de luta pela terra, mas de consciência política.

As lutas pela distribuição fundiária no Brasil surgiram no bojo da industrialização e da conseqüente urbanização do país. O processo de racionalização da produção agrícola – desde o período colonial assentado sob a base da agro-exportação – é um fenômeno contemporâneo da urbanização. O campo brasileiro, desde pelo menos o final da Segunda Guerra Mundial, passou por um enorme processo de mecanização, o que levou à diminuição da mão de obra nas grandes lavouras monocultoras. O resultado foi, por um lado, o aumento da produtividade e do lucro dos latifundiários e, por outro, a formação de um grande contingente populacional de desempregados e subempregados nas periferias dos grandes centros urbanos, oriundos especialmente do campo. A agricultura monocultora, antes o maior setor empregador de mão de obra assalariada no país, agora não mais necessitava de tamanha quantidade de braços em suas lavouras, pois os novos equipamentos agrícolas de “última geração” supriam tal necessidade de força de trabalho.

Os grandes centros urbanos passaram a ser os receptores desta mão de obra camponesa, tanto de ex-empregados agrícolas assalariados como também de ex-colonos falidos e jogados na proletarização. No entanto, as próprias cidades, mesmo as consideradas grandes, não possuíam infra-estrutura suficiente para abrigar tamanha onda de êxodo rural. Surgem, assim, neste período, os grandes conglomerados favelísticos urbanos, locais de destino da maioria destes migrantes. Se durante algum tempo houve demanda suficiente de trabalho nas cidades suficiente para empregar essa massa ex-agrícola, depois de certo período, porém, a própria indústria e comércio urbanos não mais supriam tamanha oferta de força de trabalho.

É neste momento, assim, que se (re)iniciam as reivindicações pela redistribuição da terra no país. Os movimentos sociais, urbanos e rurais, passam a questionar a “eticidade” da concentração da propriedade fundiária brasileira.

Estes movimentos sociais reivindicadores da redistribuição da terra surgiram efetivamente no Brasil na década de sessenta do século XX, em meio à enorme crise do Estado brasileiro político-econômico-social dos governos populistas de Jânio Quadros e João Goulart. Formaram-se, então, as famosas *Ligas Camponesas*, lideradas pelo então deputado Francisco Julião, no sertão pernambucano, reivindicadoras dos direitos do povo do campo.

Surgido em meio à crise econômica “pós-Milagre Econômico”, consequência direta do surto industrial dos anos setenta (sob o governo da Ditadura), o MST se estruturou, inicialmente, a partir de pequenos núcleos de trabalhadores agrícolas do interior do Rio Grande do Sul, e logo em seguida no Paraná, jogados às fileiras do desemprego devido à grande mecanização estabelecida no campo nestes estados. Assim, mesmo parecendo paradoxal, as experiências como classe do assentado podem ter nascido na cidade e não no campo, pois é na cidade que ele tem a noção do que é ser e depender do proletário e dos donos dos meios de produção, tendo assim uma idéia, mesmo que genérica, de classe. E isso se confirma com sua volta ao campo em forma de movimento social, retornando para ser dono de seu pedaço de terra, e não empregado.

Com isso, no início da década de 1980, no embalo da luta pela democratização, os camponeses viram nos Movimentos Sociais uma forma de pressionar os políticos a ceder espaço para a luta contra o latifúndio improdutivo. Tendo a Igreja Católica um papel importante nas lutas desses camponeses, aliando-se a eles, o fato nos parece um tanto paradoxal, visto que, historicamente, a Igreja esteve sempre alinhada às elites conservadoras. Mas, considerando o fato de que a Igreja Católica se opunha ao comunismo enquanto sistema de governo, e que o país vivia um momento de instabilidade na sua redemocratização, ficara ela, nesse momento, preferível mobilizar esses camponeses em forma de movimento social do que deixá-los a mercê de uma transformação revolucionária radical demais.

Com um grande apoio da Comissão da Pastoral da Terra (CPT), surgiu o Movimento dos Trabalhadores Sem Terra, (MST), fundado em 20 de janeiro de 1984 na cidade de Cascavel, no Paraná, onde realizou-se primeiro Encontro Nacional do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra.

Segundo o historiador social Elias Brandão, foram as lutas pela terra no sul do país que originaram o MST.

Dessas lutas no sul do país, bastante isoladas, nasceu a necessidade dos trabalhadores sem terra se conhecerem, se articularem e discutirem suas experiências concretas. Começou então a articulação dentro dos sindicatos dos Trabalhadores Rurais, de onde nasceu a ideia de juntar todos os interessados e criar o Movimento dos Trabalhadores Sem Terra.²⁶

²⁶ BRANDÃO, Elias Canuto. *História Social: da invasão do Brasil ao maxixe e lambari*. Maringá: Ed. Massoni, 2003, p. 33.

Tendo a reforma agrária, a terra e uma sociedade mais justa como principais metas, o MST também busca a expropriação das enormes áreas nas mãos de multinacionais, com a limitação de área para cada propriedade rural tentando assim combater o latifúndio. O MST também se colocou de forma contrária aos projetos de colonização, pois o Movimento não acredita na funcionalidade de tais projetos, defendendo uma política voltada ao pequeno produtor, que forma a grande maioria dos integrantes do Movimento. E, vinculado à uma ideia socialista, o Movimento expandiu-se por grande parte do país, e hoje atua em 23 dos 26 estados da federação.

Ainda que haja atualmente no Brasil muitos movimentos sociais de luta pela terra, sem dúvida, o mais importante e combativo politicamente é o MST (uma média de 37% das ocupações de terra no País são realizadas por ele), razão pela qual se tornaria impossível pensar em movimentos sociais no Brasil, nos anos recentes, sem relacionar-los diretamente com o MST. Também se deve à sua ofensiva política, que até então não era vista com tamanha proporção em nosso país. A partir de meados dos anos 1990, os sem-terra passaram a ter um lugar de destaque no cenário político brasileiro e a luta pela reforma agrária ganhou projeção nacional e também internacional, além de ter conquistado o apoio, pelo menos retórico, de alguns setores urbanos da sociedade.

2.2. O MST no Paraná

Para esse estudo de caso, em específico, se faz necessário remetermo-nos também a uma breve história do MST no Paraná, e relatarmos a importância desse Estado no desenvolvimento do Movimento. Muitos historiadores divergem na real origem do MST, pois alguns atribuem ao acampamento Encruzilhada Natalino, em Ronda Alta, no Rio Grande do Sul, em 1979, a primeira ocupação, mesmo não tendo o nome MST no movimento. Alguns autores colocam o MASTRO (Movimento dos Agricultores do Sem Terra do Oeste do Paraná), que teve a primeira reunião entre os camponeses em 1985, na cidade de Cascavel PR, como o início do MST.

A partir de 1979, outras ocupações foram feitas. Em Santa Catarina, no Rio Grande do Sul e, no bojo delas, houve intensa movimentação no Paraná. Parentes de

assentados, que viviam “de favor” em seus lotes na Fazenda Burro Branco, em Santa Catarina, e muitos outros de vários lugares, ocuparam a Fazenda Annoni, no município de Marmeleiro, no Paraná. Essa ocupação deu ânimo novo ao Movimento de luta pela terra aqui no sul do país. Depois de alguns embates travados com o governo federal, o MASTRO (Movimento dos Agricultores Sem Terra do Oeste do Paraná), em 1984, conseguiu, junto com seus militantes, a desapropriação de 10 mil hectares da Fazenda Imaribo no município de Mangueirinha, no Paraná. “Essas lutas foram a base da formação do MST no estado do Paraná. A essa altura as diversas organizações regionais de trabalhadores rurais – Mastro, Mastes, Masten, Mastreco e Mastel – já integravam o MST”²⁷ Em 1985, definidos os rumos do Movimento no 1º Congresso Nacional, houve uma intensificação por parte dos militantes do MST no trabalho de conscientização para a formação de novas “frentes de lutas pela terra” no Paraná. Em 1986 houve um forte avanço no fortalecimento do Movimento, aumentando, assim, não só a coesão do MST, como a necessidade de ampliar a luta.

Em meados dos anos 1990, o MST já havia se estabelecido em 60 assentamentos no Paraná. Devido à tamanha participação em massa dos militantes do MST, este ano foi marcado também pela repressão por parte da polícia e também por parte dos ruralistas donos de áreas ocupadas. Houve resistência violenta por parte dos fazendeiros em várias regiões do Paraná.

Em Inácio Martins, Telêmaco Borba, Castro, Prudentópolis, os acampados foram atacados por pistoleiros, que feriram diversos trabalhadores. Em Quedas do Iguaçu, centenas de policiais despejaram as 50 famílias que ocupavam a fazenda Solidor. Mais de mil assentados ocuparam prefeituras de Laranjeiras do Sul, Cantagalo, e Teixeira Soares, reivindicando estradas, escolas e postos de saúde.²⁸

As intervenções violentas por parte dos órgãos policiais e por parte dos proprietários foram uma constante nesse período, tornando assim, as lutas no Paraná um símbolo pela luta agrária.

²⁷ MORISSAWA, Mitsue. *A história da luta pela terra e o MST*. São Paulo: Expressão Popular, 2001, p.130.

²⁸ Idem, p. 177.

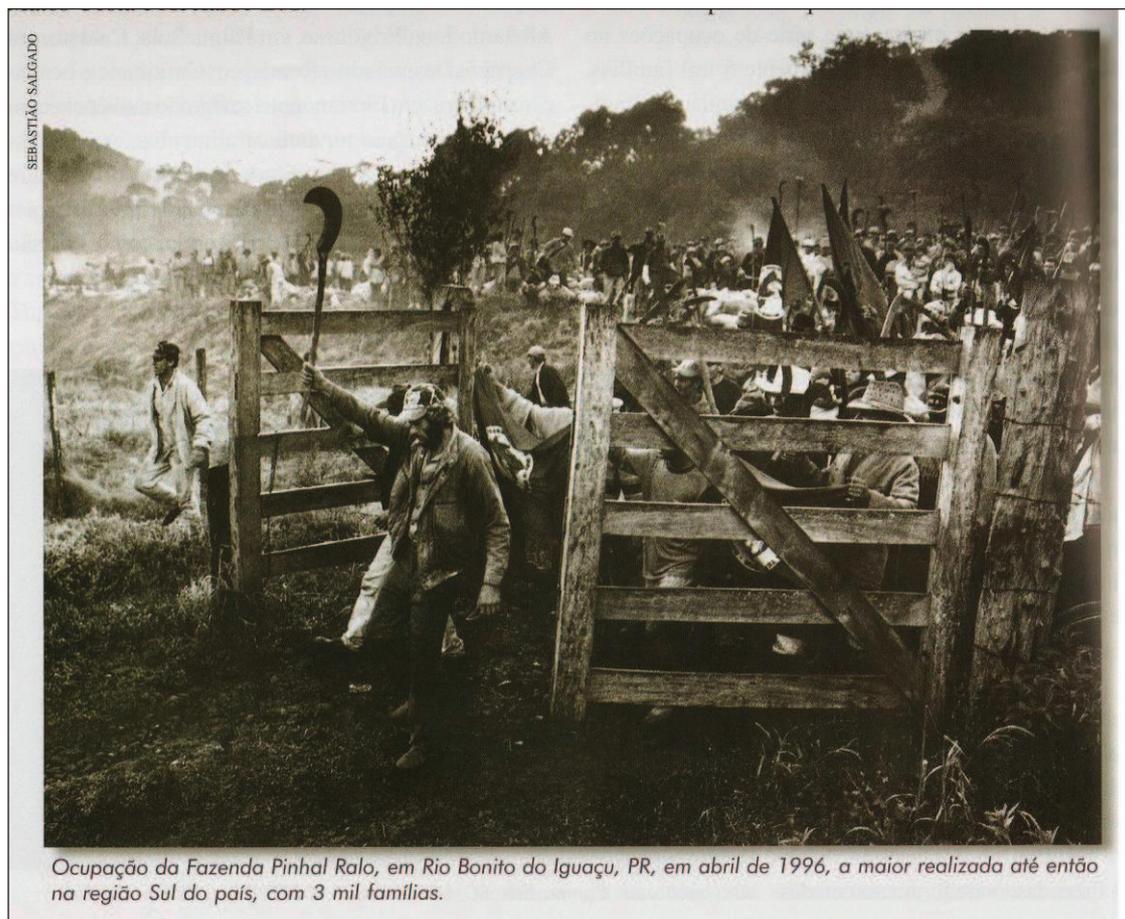


Figura 1 Foto publicada em 2001 no livro "A história da luta pela terra e o MST" - Mitsue Morissawa

No decorrer da década de 1990, as ocupações e as lutas foram intensas. Em 1996 foi realizada a maior ação da Regional do sul, quando três mil famílias ocuparam a fazenda Pinhal Ralo, em Rio Bonito do Iguaçu – PR, constituindo um dos maiores assentamentos do país.

Provavelmente, não apenas por ter sua “gênese” no Paraná, mas também, devido à grande fertilidade de seu solo, sua geografia privilegiada e grandes áreas passivas de desapropriação, o MST encontrou suas grandes vitórias e também suas maiores batalhas neste Estado. O Paraná teve destaque no Relatório Nacional fornecido pela CPT (Comissão da Pastoral da Terra) em 2003, pois era o terceiro Estado em número de ocupações (191), envolvendo cerca de 15 mil famílias (das quais 13 mil eram do MST e as outras de movimentos como o MTR, o MTB, Grupo Xambrê, entre outros). Dados já superados, pois, segundo a professora da UNESP, Maria Aparecida de Moraes Silva, registrou-se no INCRA 317 assentamentos rurais no Paraná no ano de 2007.

O Paraná tem uma representatividade muito grande nesse contexto de movimentação social devido a concentração de latifúndios. A luta social é intensa e permanente. Os acampamentos do MST na região paranaense têm visibilidade nacional. Uma “vitória camponesa” no estado do Paraná tem um valor simbólico muito grande no que se refere a movimentos sociais de luta pela terra. Isso fica claro em uma entrevista feita no assentamento estudado nessa pesquisa:

Ganhar uma batalha aqui tem um significado diferente, pois aqui no Paraná é terra de latifundiário, gente grande mesmo; quando ganhamos uma luta por uma ocupação servimos de modelo pra outros assentamentos no resto do Brasil.²⁹

Devido a essa notoriedade dos movimentos do MST no Paraná, o estado se tornou um grande “receptor” de camponeses sem terra em busca de um lugar para se estabelecer. Os assentados são originários de diversas partes do país. Há um grande contingente de pessoas que aderiram ao movimento em outros estados, como Pará, Mato Grosso, Bahia, Minas Gerais e São Paulo. Muitos encontraram em assentamentos no Paraná não só um “pedaço” de terra, mas uma estrutura em torno da luta pela terra, o que os fez ficar em terras paranaenses.

Importante também ressaltar a resistência aos movimentos sociais por parte tanto do Estado quanto de parte da sociedade, pois em um estado com “status” de segundo maior produtor de soja do país, o latifúndio se torna uma consequência natural. Com isso, não foram poucos os conflitos, e com eles a repressão, na grande parte das ocupações, muitas delas reprimidas com violência, o que também ajudou na notoriedade do MST no Paraná. Um dos mais conhecidos conflitos aconteceu na “caminhada” dos integrantes do MST rumo ao palácio do governo, em Curitiba, em maio de 2000. O então governador Jaime Lerner ordenou uma ofensiva policial para conter a marcha, conflito que resultou na morte do líder sem terra Antonio Tavares Pereira. O fato teve grande repercussão nacional.

²⁹ Lauvir, assentado do Projeto de Assentamento Ernesto Che Guevara, entrevista concedida em 06/02/2009.



Figura 2: Imagem do conflito no Paraná em 2000. - Foto cedida por Adelir do P.A Ernesto Che Guevara

Dois dias após o confronto com a polícia do Paraná, os militantes do MST fizeram outra manifestação em homenagem ao companheiro morto na batalha. Milhares de integrantes do Movimento voltaram ao local do conflito, demonstrando todo seu repúdio com a atitude tomada por parte dos governantes. Houve grande comoção por parte dos integrantes. Segundo relato de Leandro Cabral, integrante do MST, que esteve tanto no conflito, quanto na passeata posterior, o que se via nessa manifestação era uma mescla de tristeza e impunidade. “Todos pediam justiça, mas não conseguiam parar de chorar por causa da morte do Tavares”.



Figura3: Imagem da manifestação na estrada de Curitiba, onde dois dias antes houve o conflito com a policia que resultou na morte de um Lider do MST - Foto cedida por Adelir do P.A. Ernesto Che Guevara.

Tamanha manifestação e repúdio por parte dos manifestantes não passaria despercebida. Como ato simbólico à morte do líder sem terra foi erguido um monumento em sua homenagem no local do conflito. O projeto foi feito por Oscar Niemeyer, reconhecido arquiteto brasileiro.



Figura4 Monumento MST - Curitiba PR³⁰

Portanto, por esses motivos, nosso estudo sobre o MST direcionou-se ao Paraná, limitando-se ao estudo de caso de um assentamento no interior do estado. Seria pretensioso tentar abordar o movimento em todo território nacional.

Direcionou-se esta pesquisa para um assentamento de localização geográfica estratégica, pois se situa em região de grande concentração de madeireiros e sojicultores de soja. Pretende-se entender não só a trajetória de vida desses assentados, mas como chegaram e como vivem agora.

³⁰ Foto extraída do site <http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:MonumentoMST.JPG> visita em 03/05/2009

3. O ASSENTAMENTO ERNESTO CHE GUEVARA

3.1. Um estudo de caso sobre a história do assentamento e da trajetória de alguns assentados

Para podermos compreender a história de vida, tanto dos assentados quanto a do próprio assentamento, é pertinente contextualizarmos geograficamente e economicamente a região sul do Paraná, mais precisamente o município de Teixeira Soares, onde fica o assentamento Che Guevara.

Teixeira Soares é cidade de pequeno porte. Fica localizada na região centro sul do Paraná, também conhecida como região AMCESPAR, a 150 km da capital do estado, Curitiba.

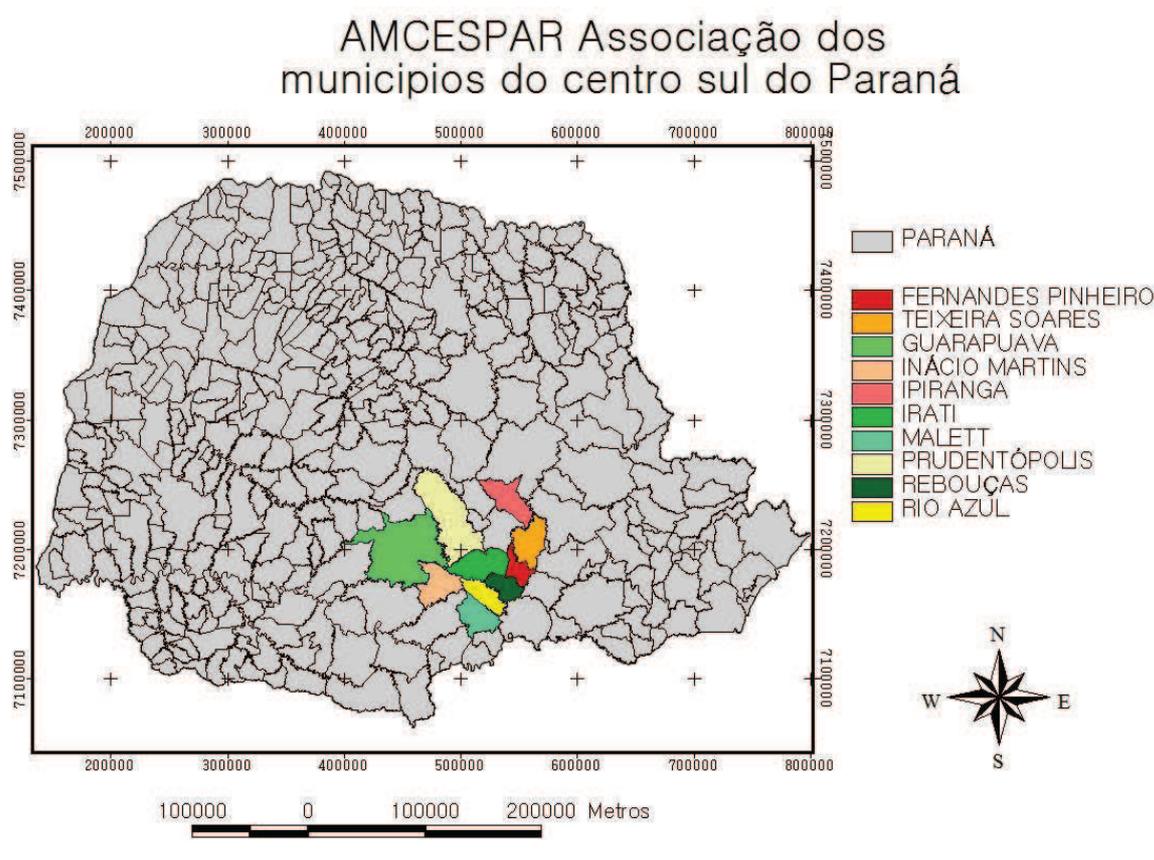


Figura 5 Mapa da Região conhecida como AMCESPAR

Existente desde 1834, a história do município esteve ligada diretamente a movimentos históricos, como o caminho dos tropeiros através da "Estrada da Mata", e a

chegada da estrada de ferro. Os moradores da região na época, prevendo os benefícios que a estrada de ferro traria, doaram terrenos para construção de uma estação ferroviária próxima do povoamento, que foi inaugurado em 1900. Entre os ciclos econômicos desenvolvidos na região do município, seguem-se o extrativismo madeireiro, a ervamate, a pecuária e a agricultura.

Através da Lei Estadual nº 1696, de 26 de março de 1917, e instalada em 14 de julho do mesmo ano, foi desmembrada do município de Palmeira, se tornando assim emancipada.

Cidade receptora de imigração, foi local de passagem e de fixação de famílias vindas do Sul do país, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Teve, e ainda tem, na agricultura e pecuária sua base econômica, tornando-se, com o passar do tempo, uma cidade importante para a região.

Tendo sua agricultura sido voltada, em grande parte, para a produção de grãos, milho e soja, Teixeira Soares produz boa parte dos grãos fornecidos pela região para o abastecimento nacional. Sua população é de aproximadamente 12 mil habitantes, parte dela na área rural, que compreende em torno de 500 km²³¹.

A tabela seguinte nos mostra como se divide a área rural da cidade de Teixeira Soares, o que se faz pertinente nesse estudo.

Município de Teixeira Soares – PR

Dados de propriedades rurais deste município, segundo informações do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária – INCRA - Ano 2008

CLASSIFICAÇÃO	ÁREA (HÁ)	POPULAÇÃO
GRANDE	5.009,00	24
GRANDE PROP. PRODUTIVA	36.504,900	94
GRANDE PROPRIEDADE	8.504,400	36
MINIFÚNDIO	6.403,100	1264
MÉDIA PROP. PRODUTIVA	7.371,800	81
MÉDIA PROPRIEDADE	7.725,700	590
NÃO CLASSIFICADA	563, 400	258
PROPRIEDADE NÃO CADASTRADA	1.365,200	185 (Aprox.)

³¹ Dados fornecidos pelo Departamento de agricultura do município de Teixeira Soares.

PEQUENA PROP. PRODUTIVA	5.137,300	546
PEQUENA PROPRIEDADE	7.965,00	878
TOTAIS	83.353,8	3.957

O município desenvolve, em sua área rural, grande comércio madeireiro. O surgimento de várias serrarias contribuiu para o desenvolvimento econômico da cidade.

Mas esta economia madeireira acabou se esgotando no final dos anos 1990, devido ao desmatamento feito no início do “ciclo” madeireiro, em meados de 1980, e pelo próprio declínio de tal comércio. Isso causou desemprego, fazendo com que muitas pessoas que ganhavam a vida nas serrarias acabassem tentando retornar, ou mesmo buscar, pela primeira vez, a vida no campo.

E é nesse contexto ambíguo, de avanço tecnológico no campo e desemprego, tanto no meio rural quanto urbano de Teixeira Soares e região, que surge o Projeto de Assentamento Ernesto Che Guevara.

3.2. Projeto de assentamento Ernesto Che Guevara

Enfim, chegamos ao ponto principal de nosso trabalho, a abordagem sobre a história do Projeto de Assentamento Ernesto Che Guevara. Como já relatado anteriormente, esse assentamento talvez seja “jovem” no sentido histórico, pois o mesmo possui apenas treze anos de existência. Talvez para a história seja um recorte temporal um tanto curto, pois na grande maioria dos trabalhos já elaborados sobre o tema, discorrem sobre assentamentos existentes desde o período da recém (re) democratização do país, ou seja, meados da década de 1980. Para tentar solucionar o problema do recorte temporal (nesse caso, curto) desse trabalho, buscamos historicizar alguns personagens que faziam parte do assentamento, relatando a trajetória de vida desses assentados, fazendo assim com que a história do Projeto de Assentamento Ernesto Che Guevara fosse contada a partir da trajetória de vida de seus assentados.

Dentro de um assentamento de quase cem famílias, a priori, teríamos um “leque” relativamente grande de opções para elaboração do relato de tais entrevistas, mas muitos que ali estavam eram recém chegados de outros assentamentos oriundos de permutas de

lotes, o que não nos possibilitaria relacioná-los com história total do Projeto de Assentamento. Assim, buscamos direcionar nossa pesquisa com pessoas com características particulares que contribuíssem para o relato desse assentamento específico. Então, direcionou-se o trabalho a quatro assentados que fizeram e ainda fazem parte do Projeto de Assentamento Ernesto Che Guevara. Priorizamos a história de pessoas que fizeram parte do assentamento desde a ocupação, como a trajetória de Eloir, que esteve presente tanto na organização dos militantes como na ocupação da Fazenda Guarauninha e que soube nos relatar com riqueza de detalhes os principais acontecimentos do assentamento até os dias atuais. Analisando que os movimentos sociais, sobretudo o MST, buscam além de uma luta pela terra, quando assentados, organizar-se muitas vezes de forma coletiva no seu dia-a-dia tanto para o trabalho quanto para suas reivindicações, lançamos mão de buscar a história de vida de assentados que tiveram participações em trabalhos de liderança interna no MST e também em cooperativas para que analisássemos as possibilidades de coesão do grupo, com isso, a história de vida de Lauvir Zulian teve muito a contribuir, tendo em vista que, antes de fazer parte do Assentamento Ernesto Che Guevara, foi líder em uma cooperativa em outro assentamento.

As inúmeras possibilidades de se pensar um trabalho sobre o MST nos dão alguns direitos a escolha, porém o que hoje se torna imprescindível para o estudo de um assentamento é o relato do papel da mulher. Com isso não abri mão de buscar tais histórias da importância da mulher no Movimento e vice e versa. A assentada Lilian foi de grande importância para nosso estudo, pois teve sua história de luta pela terra motivada pelo próprio Movimento. Por fim tivemos a contribuição do Sr. Eduino, um assentado que tem uma história de vida ligada aos movimentos sociais, tendo inclusive participado da reunião de fundação do MST, sendo para os assentados do Projeto de Assentamento Ernesto Che Guevara uma referência.

Trabalhando diretamente com “pessoas”, foi fundamental a preocupação com métodos e abordagens sobre a História Oral. Tal metodologia nos auxiliou a entender as subjetividades das entrevistas, assim como também nos possibilitou a minimizar as dificuldades de teorizar relatos feitos pelos assentados, tendo em vista a enorme gama “interesses” contidos dentro de cada relato. Porém, também procuramos compreender o “simplismo” de alguns relatos, buscando extrair o máximo de cada entrevista. Assim nos embasamos em Thompson na obra: *A voz do passado*, em 1978, que radicalizou a

idéia de que a história oral tem por função *devolver a história do povo*, promover a democratização da história em si mesma. A história oral deveria se afirmar como uma contra-história, operando uma inversão radical nos métodos e objetos consagrados, sendo assim ela possibilita o resgate de diferentes interpretações acerca da história vivida, constituindo-se numa forma democrática do fazer histórico. Colocando-nos, enquanto pesquisadores, em contato com os atores sociais e suas lembranças, esquecimentos e sentimentos.

Assim, através da trajetória de vidas dessas pessoas, inevitavelmente chegamos à história desse assentamento que tem devida importância e notoriedade na região onde se localiza, assim como também seus assentados.

A história se passa no município de Teixeira Soares, onde se encontra o P.A.³² Ernesto Che Guevara. Na região de Guaraúna. A ocupação foi feita em agosto de 1997, na fazenda conhecida como Fazenda Santo Antonio ou Guarauninha, propriedade pertencente à Maria da Luz de Araújo Viana e *Espólio* de Arnaldo Alves de Araújo Viana, naturais da cidade de Ponta Grossa – PR.

A fazenda era composta por área de 1.572 ha, dividida em: culturas temporárias (504,0 ha), pastagens naturais (702,0 ha), pastagens plantadas (116,0 ha), preservação permanente (78,0 ha), terras inapropriadas para qualquer tipo de cultivo (9,0 ha) e área aproveitável, mas não utilizada (163,0 ha). O efetivo pecuário era inexistente, a área residencial era composta por uma casa de alvenaria de 130 m², usada como sede, quatro casas de madeira habitadas por trabalhadores efetivos da fazenda, e uma construção de madeira usada como capela religiosa católica para uso comum social dos moradores da fazenda e arredores. Enfim, uma propriedade de grande porte para a região em que se localizava, com possibilidades de diversificação no cultivo de grãos e outros produtos agrícolas, com boa localização e acesso relativamente fácil, contextualizada temporalmente num período de valorização agrícola e pecuária. Essa propriedade estava arrendada para um grupo empresarial conhecido como “F. Barros Agrícola”, que nesse período (1997) era também acionária das revendedoras de implementos agrícolas CBT, que ali estava por três anos, mas que ao ver dos integrantes dos movimentos sociais que faziam parte daquela região, a mesma se tornara improdutivo a alguns anos.

³² Entende-se por P.A. o Projeto de Assentamento Ernesto Che Guevara

A partir de meados dos anos 90, a desapropriação de imóveis rurais foi a principal forma de criação de projetos de assentamento. Mas o processo é longo e burocrático. Muitas vezes para no meio do caminho por causa da justiça, principalmente devido a recursos dos proprietários das áreas, que questionam os laudos de produtividade e o valor estipulado pela indenização da terra.³³

Em julho de 1997, assentados de um acampamento vizinho à Fazenda Guarauninha, que permaneciam às “beiras” da fazenda por mais de três meses, levaram ao conhecimento do INCRA a intenção de ocupação da Fazenda Guarauninha para fins de reforma agrária.

Independente da forma como estão organizados internamente, a maioria dos assentados, tem consciência da importância política e social da organização do assentamento e do MST na construção do processo de reforma agrária no Brasil.³⁴

Dos assentados que ali estavam, foram escolhidos quatro homens para unirem-se a uma “comitiva” para a capital, Curitiba, para que pudessem ser ouvidos e atendidos em relação à intenção de ocupação da Fazenda Guarauninha. Lá ficaram por sete dias. Foram atendidos pelo representante do INCRA e tiveram um parecer positivo a respeito da transformação da propriedade em Projeto de Assentamento (P.A). Durante o período de negociações em Curitiba, os assentados também tiveram palestras e instruções quanto aos direitos sobre a terra, bem como história e estatuto do MST, segundo relato do hoje assentado, Sr. Adelir.

[...] tivemos em quatro lá, escolhidos por um líder de um assentamento de Ponta Grossa, ficamos lá sete dias, pra fazer pressão, pois nós tínhamos certeza que aquela terra seria nossa, pois ela não produzia o suficiente pra ser considerada produtiva, mas além disso tivemos aulas e palestras sobre nossos direitos e deveres como assentados. Foi bem proveitosa nossa ida até a capital.³⁵

³³ SCOLESE, Eduardo. *A reforma agrária*. São Paulo: Publifolha, 2005, p. 48.

³⁴ BRANDÃO, Elias. *História Social: da invasão do Brasil ao maxixe e lambari*. Maringá: Massoni, 2003, p. 197.

³⁵ Adelir de Souza, assentado do Projeto de Assentamento Ernesto Che Guevara, entrevista concedida em 11/06/2009

Assim que voltaram ao acampamento, às margens da Fazenda Guarauninha, os militantes do Movimento reuniram-se com os demais assentados e decidiram se mobilizar para a ocupação.

No dia 25 de agosto de 1997, pela manhã, cerca de cem famílias reuniram-se em frente à Fazenda a ser ocupada e, com o discurso e os ideais de reforma agrária, adentraram as porteiras da propriedade. Todas aquelas famílias, pelo menos naquele momento, com um “ideal” em comum: a transformação de um latifúndio em propriedade de agricultura familiar de dezenas de famílias.

Mas, o que se deu a seguir adiou um pouco o “sonho” daqueles militantes do Movimento. Logo ao entrarem na fazenda encontraram resistência por parte dos funcionários que ali se encontravam. Houve confronto violento entre os sem terra e os empregados da fazenda. O conflito durou quase uma hora. Os integrantes do MST acabaram recuando devido à resistência violenta dos empregados da fazenda, que por várias vezes dispararam tiros de arma de fogo contra os militantes, a ponto de um dos atiradores acertar o próprio “colega” de trabalho.

Quando nós entramos lá, eles barraram a gente na bala, começaram a atirar pra todo lado, nós tínhamos crianças e mulheres com a gente, ficamos com medo por elas, não por nós, porque nós, se for preciso, damos a vida pela reforma. Atiraram tanto que acabaram atingindo eles mesmos, e é claro que quando a polícia chegou falaram que fomos nós que atiramos, mas depois viram que nós não tínhamos armas.³⁶

Depois do conflito ocorrido e após os integrantes do MST recuarem, chegaram algumas viaturas da Polícia Militar de Ponta Grossa para conter e evitar novos conflitos. Logo em seguida, chegou também ao local um representante do INCRA para conversar e esclarecer dúvidas com os assentados e tentar resolver a situação, que no momento estava extremamente conflituosa.

Os militantes do MST tiveram a notícia, através do representante do INCRA, de que a área realmente era passiva de desapropriação, mas para que isso acontecesse seria necessária vistoria conclusiva feita por órgãos competentes, e que a vistoria em uma área de grande porte como a da Fazenda em questão necessitaria de um período de vinte dias. Depois de horas de negociações, os militantes do MST retiraram-se do local e

³⁶ Adelir de Souza, assentado do Projeto de Assentamento Ernesto Che Guevara, entrevista concedida em 11/06/2009

retornaram para o acampamento vizinho, no qual esperariam por mais vinte dias. Mas o prazo se prolongou por mais de dois meses, tempo necessário para o INCRA concluir a vistoria de avaliação da propriedade.

No mês de outubro do mesmo ano foi concluída a vistoria feita pelo engenheiro agrônomo do INCRA, Emilio Stachowski, que, com seu parecer, definiu a Fazenda Guarauninha como “grande área improdutiva”, e assim relatou em documento oficial:

Por fim, se atendidas as recomendações técnicas, e adotadas práticas recorrentes, o imóvel pode ser indicado e destinado para uso de exploração continuada de culturas anuais, em forma de Projeto de Assentamento (P.A.), com a garantia da viabilidade econômica das famílias a serem assentadas.³⁷

Após a conclusão da vistoria, os assentados voltaram à fazenda para a ocuparem em definitivo e dar início ao P.A., conhecido até hoje pelo nome de Projeto de Assentamento Ernesto Che Guevara.



Figura 6: Imagem do dia da ocupação definitiva da fazenda Guarauninha - P.A. Ernesto Che Guevara - Foto cedida por Adelir do P.A. Ernesto Che Guevara.

³⁷ Vistoria feita pelo INCRA em outubro de 1997, copia de documento cedido pelo INCRA/Curitiba-PR

Após a ocupação, a área da fazenda foi dividida em 92 unidades agrícolas familiares, ou seja, capacidade para assentar 92 famílias com o propósito de desenvolverem a agricultura familiar, de modo que todos no assentamento tivessem como sobreviver e manter-se através do cultivo da área correspondente a cada um, equivalente a 10,2 ha.

Todos que ali estavam iniciaram o trabalho de “construção” do assentamento, preparando o solo e adequando os lotes. Neste caso, entre os assentados, era comum certo grau de parentesco, sogros, cunhados, primos etc. Sendo assim, a proximidade dos lotes entre eles foi decidida em comum acordo entre os assentados, pois foi uma solicitação atendida.

Para entender a história e o desenvolvimento do P.A., é necessário entender as origens de alguns dos assentados que ali estão, suas trajetórias, tradições, anseios e ligação com o movimento.

Em relação à vida da maioria deles, o que se tem são relatos cheios de simbolismos religiosos, culturais e sociais. Nesse assentamento estudado, mostra-se como foi e ainda é a interatividade entre os Sem Terra, levando em conta toda a diversidade encontrada ali, considerando que muitos vieram de longe, e outros da própria região.

4. A TRAJETÓRIA DE ALGUNS ASSENTADOS NO P.A. ERNESTO CHE GUEVARA

Em comum, os assentados têm geralmente a infância no meio rural, de trabalho na lavoura desde criança, pouca instrução educacional e várias privações sociais. Muitos deles relatam sua infância e sua trajetória até o ingresso ao movimento, com sentimento de exclusão; vêem no movimento uma chance de reparo das privações que sofreram no passado.

A diversidade desse assentamento fica notória pela a história de vida de seus integrantes, de onde vieram, qual sua origem, suas idéias, seus sonhos, enfim, quando relatam como chegaram até o Movimento. Com isso, em nosso primeiro relato, preferencialmente, buscamos assentados que estiveram na ocupação da fazenda, ou seja, no início do P.A. Sendo assim, a trajetória de vida de Adelir nos pareceu de extrema importância para esse trabalho. Homem do campo, Adelir, 47 anos, casado, dois filhos, está no P.A. Che Guevara desde sua ocupação. É natural de Erechim, RS, onde passou sua infância, e viveu até os 16 anos. Trabalhava com seu pai e seus oito irmãos. Adelir e toda sua família moravam e trabalhavam em terras próprias no Rio Grande do Sul. No ano de 1978, resolveram vender o pouco de terra que tinham para tentar a vida em solo paranaense.

A cidade de Ipiranga foi o destino de Adelir e toda sua família. Com os recursos que tinham, compraram um pequeno pedaço de terra. Trabalharam juntos por alguns anos, mas não conseguiram acompanhar a emergente mecanização no campo.

Olha, desde meu tempo de infância que eu me lembro né, toda a vida o pai trabalhou na roça em serviço braçal. Antigamente não existia máquina. Aprendi a trabalhar com boi, roçar, carpir. Depois, mais tarde, depois de uma certa idade, aprendi a lidar com trator, maquinário, só que o maquinário veio dar prejuízo pra nós, levou-nos à falência, aí nós praticamente perdemos as terras que tínhamos.³⁸

A família de Adelir teve dificuldades para se adaptar à “nova ordem” no campo: a mecanização. Para tentar uma produtividade maior, compraram algumas máquinas agrícolas com recursos do Banco. A produtividade esperada não veio, o que fez com

³⁸ Adelir de Souza, assentado do Projeto de Assentamento Ernesto Che Guevara, entrevista concedida 05/01/2010

que não conseguissem pagar os empréstimos feitos. Por suas terras estarem vinculadas a essa negociação, culminou em um desfecho não diferente de muitos outros: a perda de suas terras para o banco. Tais situações eram comuns entre pequenos agricultores.

Iniciavam sua vida no campo em família, mas o avanço cada vez mais capitalista da agricultura foi impiedoso, e fez com que os pequenos agricultores tentassem a vida em lugares distantes de sua terra natal, causando também um rompimento no meio familiar, a partir do momento em que a terra não se tornava suficiente para o sustento de todos.

Lá em Ipiranga compramos as terras e começamos a plantar soja... falimos e tivemos que entregar um tanto das terras pro banco e vender o restante pra quitar outras dividas e ir embora pra Rondônia. Lá em Rondônia praticamente tinha que trabalhar de empregado, mas não me acostumei a trabalhar de empregado, no Mato Grosso também trabalhei de empregado um pouco.³⁹

Quando Adelir teve que ir embora para Rondônia, ele já estava casado, sua esposa logo estaria esperando a primeira filha. Essas circunstâncias levaram Adelir a tentar trabalhar como empregado nas grandes fazendas. Conseguiu se manter e manter o sustento de sua família por alguns anos.

Como eu não tinha mais terra, eu e meus irmãos tava separado já, tive que me virar. Lá em Rondônia eu já tinha mulher e estava esperando um filho, na realidade uma filha, nós precisava comer né. Então eu ia fazer a única coisa que sabia fazer, que é trabalhar na roça. Saí pedindo emprego nas fazendas por perto, mas o pior de tudo era que eu não ia pedir só emprego, mas pedir um lugar pra morar também, tipo cuidar de uma chácara sabe. Acabei conseguindo, até deu certo no começo, nós trabalhava bastante, mas ainda se virava. Ganhava um pouco de leite do patrão, carne crioula, até dava pra viver. O problema sério era quando o patrão comprava um trator ou uma maquina nova. Aí nós já sabia, a chance de perder o emprego era grande, e era o que acontecia. Então nós procurava outra fazenda, e a coisa era a mesma. Quando sabia que o patrão tava com ideia de comprar outra máquina mais moderna, nós já não dormia mais de preocupação.⁴⁰

Essa tensão no campo era vivida não só por Adelir, mas por muitos que, como ele, estavam naquela situação. O medo e a instabilidade eram constantes entre eles. A

³⁹ Adelir de Souza, assentado do Projeto de Assentamento Ernesto Che Guevara, entrevista concedida 05/01/2010.

⁴⁰ Idem, entrevista concedida 05/01/2010

iminência de “acordarem” sem emprego era um de seus maiores medos. Nisso, outra vez, a mecanização do campo veio trazer não apenas o progresso, mas, junto, o desemprego da mão de obra não especializada. Isso causou desemprego no campo, e no bojo dessa crise, Adelir teve que voltar ao Paraná, a Ipiranga, onde haviam ficado alguns familiares.

De volta à cidade de Ipiranga, PR, Adelir e sua família procuraram se estabelecer junto aos poucos parentes que ficaram. Viveram alguns meses ajudando-os em alguns trabalhos diários. Em seguida, novamente foi trabalhar como empregado em uma fazenda. Dessa vez, Adelir tentou criar uma estabilidade em seu emprego no campo, aprendendo a trabalhar com as tão “temidas” máquinas agrícolas.

Nessa fazenda, Adelir trabalhou durante um ano como operador de trator, e sua mulher ajudava também na lavoura.

Logo veio outro filho do casal. E com ele a preocupação quanto ao futuro por parte de seus pais. Isso fez com que Adelir se preocupasse ainda mais com a instabilidade que o pequeno produtor tem. Fator que, unido à vontade de ter um pedaço de terra novamente, fez com que Adelir procurasse outros meios para a obtenção de terra para plantar.

Essa vontade cresceu ainda mais quando começou a trabalhar com seu irmão mais velho, ajudando-o no transporte de pessoas com seu velho ônibus. Adelir e seu irmão transportavam passageiros de uma cidade para outra, próxima na região. E foi em um dessas viagens que Adelir teve seu primeiro contato com o Movimento dos Trabalhadores Sem Terra, o MST. Enquanto eles transportavam todo aquele pessoal para um acampamento próximo a Ponta Grossa, no município de Teixeira Soares, PR, foi que Adelir interagiu e se interessou pela idéia do Movimento.

Adelir resolveu aceitar o convite para participar de reuniões e palestras nesse acampamento montado em uma área pública na cidade de Teixeira Soares. Todos ali estavam na expectativa da futura desapropriação da Fazenda Guarauninha, que ficava logo à frente desse acampamento provisório montado pelo MST.

Então o meu irmão me trouxe e ali escutamos as palestras dos dirigentes do movimento e voltamos animados. Daí me perguntaram se eu tinha coragem de enfrentar um acampamento, eu digo: pra mim tanto faz acampamento com serviço pra trabalhar né, eu pensei: vou ali pro acampamento, fico um ano acampado e adquire 5 alqueires de

terra, é dinheiro que vou trabalhar a vida toda e não vou poder comprar.⁴¹

Em agosto de 1997, Adelir e sua família juntaram-se ao Movimento. E naquele acampamento à beira da estrada, começou sua “militância” pelo MST. Junto com seus companheiros, Adelir passou por muitas dificuldades, mas a esperança de conseguir um pedaço de terra não o deixou desanimar.

O mais difícil pra mim foi aquele período que ficamos acampados sem recurso nenhum. [...] É o seguinte, naquele tempo o INCRA mandava uma cesta básica pra cada família acampada, mas a cesta básica era não sei quantos quilos de feijão, de arroz, um macarrão, farinha de milho e mais nada, daí nós às vezes fazíamos campanha, pedíamos doação pra alguma entidade... e foi com isso que nós nos mantivemos no acampamento.⁴²

Porém, a esperança de conseguir um pedaço de terra não o deixou desanimar. Isso fica claro em seus relatos e, apesar de já ter se passado mais de uma década, Adelir lembra com detalhes do tempo em que estiveram nesse acampamento provisório e o dia em que tentaram ocupar pela primeira vez a fazenda Guarauninha.

Sofremos bastante no acampamento, foi sofrido. De junho a agosto no acampamento. Daí, dia 25 de agosto fizemos a primeira ocupação em 1997 (Fazenda Guarauninha). Ficamos 24 horas lá e tivemos que sair porque daí veio o INCRA, veio o representante da dona da área aqui né, veio o governo do Estado também, no dia da ocupação daí veio a polícia, daí nós mantivemos a ordem que a polícia deu pra nós, ficamos o dia inteiro sem comer, sem beber, sem descarregar o caminhão, as traias nossas que vieram do acampamento, ficamos lá e a polícia queria tirar nós com toda força, com cachorro, com armamento, vieram preparados pra bater em nós. A nossa ideia era de ir atrás dos direitos de adquirir uma terrinha pra trabalhar, não queria briga e nunca quisemos briga, daí sei que bem de tardinha chegou o superintendente do INCRA que é o tal do “Doutor Aranha”, e o Zé Carlos que era o representante do governo, aí foi negociado: vocês saem e em 20 dias nós vamos negociar a área, daí é de vocês a área. Voltamos novamente pro acampamento, daí, de 20 dias passou para dois meses, do dia 25 de agosto foi até 11 de novembro, quando viemos pra ficar daí já tava tudo negociado, o portão tava aberto pra nós, viemos pra ficar definitivamente, mas ficamos mais um tempo acampados ainda lá na sede, até os arrendatários desocuparem a terra,

⁴¹ Adelir de Souza, assentado do Projeto de Assentamento Ernesto Che Guevara, entrevista concedida 05/01/2010.

⁴² Idem, entrevista concedida 05/01/2010.

que nós ganhamos porque era tudo arrendado, daí no estatuto da terra diz que é proibido arrendar terra.⁴³

O relato da negociação feita entre os assentados e o INCRA já foi feito anteriormente, mas se faz necessária novamente essa abordagem, pois não seria possível relatar a história do P.A. Ernesto Che Guevara sem ligá-la à trajetória de vida de Adelir, tendo em vista que ele fez parte da formação desse P.A., e tendo em vista também que sua história se “mistura” com a do assentamento.

Em dezembro de 1997, Adelir e sua família já estavam assentados no P.A. Ernesto Che Guevara. Aos poucos tentavam se organizar para o trabalho na terra conquistada. Junto com mais outras 92 famílias começaram a trabalhar, tanto na organização quanto na divisão do trabalho, e Adelir sempre esteve atuante. O começo também foi difícil, pois precisaram, antes de começar a trabalhar na terra para garantir seu sustento, levantar barracos para que todos pudessem se estabelecer.

Toda a movimentação inicial dos trabalhos demorou algumas semanas, porém, agora Adelir estava trabalhando em uma terra que era dele. Os seis alqueires que foram distribuídos a cada família tinham não apenas o valor de posse, mas de um reparo a uma trajetória de vida repleta de luta e privações, tanto de Adelir quanto da grande maioria dos que ali estavam.

Quando avisaram que a terra que nós tava já era nossa, ficamos aliviado, pois sabia que agora nós podia plantar e criar nossas coisinhas, agora sim, podia dormir tranquilo. [...] Mas nós sabia que tinha muito trabalho pela frente, mas nunca tivemos medo de serviço, e agora que tamo na nossa terra, parece que foi feito justiça, foi como se o banco devolvesse a terra que tomou da gente e que fez nós passar até fome.⁴⁴

Logo nos meses seguintes, todos no assentamento começaram a trabalhar na terra, enfrentando grandes dificuldades, tanto no trabalho quanto no apoio dos órgãos competentes. Os assentados começaram a trabalhar individualmente, cada família plantava com o pouco de recursos que tinha, tentando, assim, manter seu sustento.

As dificuldades fizeram com que os assentados do P.A. Ernesto Che Guevara se unissem. Com isso, conseguiram aderir a um projeto do governo do estado paranaense

⁴³ Adelir de Souza, assentado do Projeto de Assentamento Ernesto Che Guevara, entrevista concedida 05/01/2010.

⁴⁴ Idem, entrevista concedida 05/01/2010.

chamado Compra Antecipada, que consistia em reunir o máximo de famílias do assentamento para que, em forma de cooperativas, produzissem hortaliças cultivadas com bases orgânicas. Toda a produção era comprada pelo Estado, que distribuía tais produtos entre escolas e instituições carentes da região.

No começo nós plantava por conta, cada um se virava com o que tinha. Faziam de tudo pra poder ter a primeira colheita, algumas deu certo, outra não, por que nem todos pegaram terra boa pra plantar. Mas com o tempo a turma aqui acordaram e viram que se nós não se unisse não ia conseguir se sustentar, então procuramos os representante da EMATER pra fazer o plantio das hortaliças, que tem o nome de Compra Antecipada. Aí sim começamos a trabalhar bem e a ter um dinheirinho extra pras necessidade do dia a dia.⁴⁵

Adelir e sua família começaram então a trabalhar no cultivo das hortaliças, faziam isso nos momentos de folga entre o plantio de milho e soja. Adelir esteve por diversas vezes em encontros de agricultores ligados ao Movimento dos Trabalhadores Sem Terra, que promoviam palestras e cursos de curta duração sobre o tema “Agro Ecologia”. E foi nessa palestras que aprendeu a produzir adubos orgânicos, e que teve a oportunidade de participar do projeto Compra Antecipada.

Com o passar do tempo, a vida de Adelir e de sua família foi melhorando no assentamento. Conseguiram produzir grande parte do que consumiam. E com o dinheiro vindo das hortaliças plantadas conseguiam adquirir o que não tinham ali.

A renda anual para cada família que aderiu ao projeto Compra Antecipada, e que cumpria com o cronograma e com as especificações exigidas pela EMATER, era de R\$ 3.200,00, divididas em dez parcelas mensais de R\$ 320,00. Renda que veio a ajudar na manutenção das economias do lar de Adelir.

O dinheiro que entra das hortaliças ajuda muito, se precisa comprar um remédio, um calçado, coisa assim que não podemos produzir, compramos com esse recurso, parece pouco, mas ajuda bastante e o que é mais importante, é uma renda garantida, tudo que plantamos de hortaliças o governo compra.⁴⁶

Adelir foi um dos pioneiros de produção de hortaliças com base em adubos orgânicos dentro do assentamento, participou de vários eventos relacionados com Agro

⁴⁵ Adelir de Souza, assentado do Projeto de Assentamento Ernesto Che Guevara, entrevista concedida 05/01/2010.

⁴⁶ Idem, entrevista concedida 05/01/2010.

- Ecologia, e repassa seus conhecimentos aos outros assentados. Adelir, apesar de pouca instrução escolar, acumulou vasto conhecimento sobre o assunto e se mostra aberto a novas técnicas, principalmente voltadas à agricultura. “Eu sempre tô indo atrás de informação, sempre busco livros novos sobre agro-ecologia, e quando o técnico vem aqui eu pergunto bastante”⁴⁷.



Figura 7: Reunião no P.A. Ernesto Che Guevara para tratar de assuntos referentes a agorecologia/produção de hortaliças - Foto cedida por Adelir do P.A. ernesto Che Guevara.- Foto Léo Heraki

Com o passar do tempo, Adelir e sua família conseguiram melhorar sua renda e, além de cultivarem hortaliças, começaram a criar alguns animais, como porcos e galinhas, para consumo próprio e para vender na região. Logo em seguida veio a ideia de criar gado leiteiro, e conseguiram comprar seis cabeças de gado com os recursos próprios.

O leite produzido pelas vacas da família de Adelir era vendido para uma empresa que já coletava leite nas fazendas vizinhas, e isso veio a dar motivação às

⁴⁷ Adelir de Souza, assentado do Projeto de Assentamento Ernesto Che Guevara, entrevista concedida 05/01/2010. Idem, entrevista concedida 05/01/2010.

outras famílias do P.A. Ernesto Che Guevara a também se interessarem pela produção leiteira. Grande parte dos assentados dali tinha vacas produtoras de leite, o que fez com que o assentamento se tornasse um fornecedor de leite importante para a empresa que comprava tal produto.

Mas, Adelir e outros produtores de leite dali enfrentavam o problema da variação de preço do produto, não tinham preço fixo estabelecido para o leite, e isso voltou a dar certa instabilidade entre os assentados. Uma das justificativas dadas aos assentados por parte da empresa é o fator de “acessibilidade”, pois as estradas que levam até o assentamento e fazendas próximas dificultavam o transporte. Isso relatam os assentados, reclamando não só da empresa, mas do pouco auxílio da Prefeitura de Teixeira Soares, que desde 1999 foi notificada sobre os problemas das estradas rurais, através de manifestos e pedidos documentados, e até os dias atuais não tomou providências.

O leite começou bem, sabe, mas o problema agora é que eles tão pagando barato demais, dizem que é por causa das estradas, na realidade eles tem razão, os caminhão não chegam aqui quando chove, e muitas vezes o leite aqui estraga, pois eu não tenho resfriador. [...] E quanto às estrada, já falamos com o prefeito, já falamos com secretário, mandamos pedido por escrito e até agora nada, enquanto isso a empresa continua abaixando o preço do nosso leite por isso.⁴⁸

⁴⁸ Adelir de Souza, assentado do Projeto de Assentamento Ernesto Che Guevara, entrevista concedida 05/01/2010.



Figura 8: Imagem da situação das estradas de acesso ao P.A. Ernesto Che Guevara – Foto: Léo Heraki

Com tais dificuldades enfrentadas com os baixos preços do leite, a família de Adelir, juntamente com mais três famílias, resolveu dar outro destino ao leite produzido em suas propriedades. Adelir e outros assentados começaram a produzir queijos e outros derivados do leite. Tudo o que produziam era vendido na cidade de Teixeira Soares, em comércio realizado por eles mesmos. Tal comércio, segundo Adelir, era mais rentável que vender o leite “in natura”, pois nos produtos derivados se conseguia uma agregação de valor maior, e isso fez com que família de Adelir centralizasse grande parte de seus trabalhos na fabricação, mesmo que de forma artesanal, desses produtos derivados do leite.

A produção de queijo da família de Adelir é de aproximadamente 25 kg do produto por mês, o que rende R\$ 550,00. Somados aos R\$ 380,00 recebidos com a produção de hortaliças, totaliza R\$ 930,00 por mês. Segundo ele, é o necessário para a sobrevivência de sua família dentro do assentamento, tendo em vista que produz boa parte da alimentação que consome, ali mesmo em suas terras.

Em treze anos de assentamento, Adelir já conseguiu construir sua casa, feita em alvenaria, e feita em mutirão dos assentados. Tem aspecto simples, mas acomoda todos

da família de Adelir. E é nesse cotidiano que vive ele e sua família, hoje sem reclamar das privações sofridas, mas sabendo que falta muito para que todos tenham oportunidades.



Figura 9: Casa de Adelir/P.A. Ernesto Che Guevara – Foto: Léo Heraki

Indagado sobre sua atuação no MST, Adelir mostra-se um pouco distante hoje da militância do Movimento. Alega estar um pouco “cansado” para sair e militar, assim como já fez no passado, mas ressalta que deve tudo que tem ao Movimento, pois, segundo ele, suas conquistas vieram através do MST.

Se fosse preciso, eu faria tudo de novo, entraria pro Movimento, lutaria de novo. Foi aqui que eu encontrei a coisa mais parecida com justiça que já vi. Hoje eu tenho casa, tenho trabalho e posso dizer que foi graças ao MST. Por isso sempre incentivei meus filhos a lutarem pelo Movimento, porque foi no Movimento que eles tiveram o pão todo dia.⁴⁹

⁴⁹ Adelir de Souza, assentado do Projeto de Assentamento Ernesto Che Guevara, entrevista concedida 05/01/2010.

Adelir tem mulher, dois filhos e dois netos, todos morando no P.A. Ernesto Che Guevara. Aderiu ao Movimento MST quando resolveu seguir junto na ocupação desse P.A. Isso lhe deu uma identidade, não só com o Movimento, mas, acima de tudo, com o assentamento em questão. Ali Adelir conseguiu melhorar sua vida, conseguiu estabilidade, fez amigos, adquiriu respeito de muitos, conseguiu sustentar sua família e, acima de tudo, conseguiu de volta algo que na sua trajetória até o Movimento tinha abandonado: a esperança.

Essa é a trajetória de Adelir, um dos assentados. Teve sua vida marcada pela luta e pela busca de uma vida melhor. Contrariando a trajetória de grande parte de despossuídos, ele tem hoje uma vida mais digna. Para ele, o MST foi de papel fundamental na reestruturação de sua vida e, mesmo sabendo que nem todos têm o mesmo desfecho em suas histórias de vida, é pertinente relatar que, para Adelir e sua família, o MST cumpriu a função social que tanto prega.

Durante uma pesquisa em um determinado assentamento constatamos que o processo de desenvolvimento da consciência dos assentados é contínuo nas experiências acumulada, nos conflitos internos, na diversidade do pensar e das formas de conhecimento. Esse desenvolvimento diferencia-se de assentado para assentado e contribui na unidade do conjunto, apesar da diversidade cultural e política no assentamento.⁵⁰

Adelir fez de suas experiências a base para o que atentamos também nesse trabalho, a consciência de uma classe, pois mesmo que timidamente, muitos desses assentados tiveram o auge de sua militância pelo Movimento durante/após suas experiências.

4.1. A vida de Lauvir

Na história do P.A. Ernesto Che Guevara é grande a diversidade de personagens, Assim como Adelir, muitas outras famílias aderiram ao movimento em busca de uma vida melhor, e como já mencionamos, direcionamos nossa pesquisa agora para assentados que tiveram participação coletiva não só em ocupações e manifestações, mas em trabalhos coletivos internos ao assentamento, para que possamos mostrar aqui

⁵⁰ BRANDÃO, Elias. *História Social: da invasão do Brasil ao maxixe e lambari*. Maringá: Massoni, 2003, p. 204.

também a tentativa de coesão do grupo dentro do Movimento. Com isso, a trajetória de Lauvir, que faz parte do P.A. Ernesto Che Guevara desde 2002 se faz pertinente. Lauvir Zulian tem 39 anos, casado, com o primeiro grau de escolaridade completo, dois filhos, e seu trabalho durante toda sua vida esteve ligado à agricultura. Iniciou sua participação no MST em 1990 e está até hoje integrado ao Movimento.

Lauvir nasceu em Guaraniaçu, oeste do Paraná, onde morou com seus pais e seus seis irmãos até os dezenove anos. Sua família veio do Rio Grande do Sul na década de 1970, e comprou uma pequena propriedade em Guaraniaçu para trabalhar na lavoura, em forma de agricultura familiar. Sempre trabalhando ao lado da família, Lauvir teve sua infância marcada pelo trabalho ainda muito cedo. Era o mais novo dos seis irmãos, e passou grande parte de sua infância e juventude no trabalho pesado do campo.

Meu pai e meus irmãos vieram do Rio Grande (Sul), conseguiram comprar uma terrinha aqui no Paraná. Eu já nasci aqui, me lembro de começar a ir pra roça bem cedo, com uns seis ou sete anos. Tinha que ajudar no trabalho, junto com todos da família, era isso que meu pai pregava. Passei minha juventude ajudando meu pai na lavoura, plantávamos milho e um pouco de feijão. Mas, com o passar do tempo as coisas começaram a piorar, a estiagem, as dívidas que fizemos pra tentar mecanizar um pouco nossa lavoura fez com que ficássemos em situação desesperadora.⁵¹

A vida que Lauvir levou no campo, antes de aderir ao MST, não foi muito diferente da maioria. Teve dificuldades em conseguir acompanhar o avanço tecnológico no campo e, “engolido” pelo capitalismo voraz contraiu dívidas e perdeu o pouco que tinha para os bancos, algozes de muitos outros pequenos produtores.

Nós tinha um pedacinho de terra e produzia pouco, e quando se produz pouco tudo fica mais caro, então resolvemos comprar um trator e uma semeadeira. Fizemos isso com dinheiro emprestado do banco, mas não conseguimos pagar, e por causa que tínhamos dado nossas terras de garantia, perdemos, ficamos sem nada. Foi uma época de desespero, meu pai pensou até em se matar.⁵²

Tal situação fez a família de Lauvir se separar e ir em busca de emprego. Lauvir ficou por mais alguns anos em Guaraniaçu, trabalhando em várias funções ligadas ao campo. Seu primeiro emprego, depois que teve que deixar as terras que eram de sua

⁵¹ Lauvir Zulian, assentado do P.A. Ernesto Che Guevara, entrevista concedida em 03/01/2010.

⁵² Idem, entrevista concedida em 03/01/2010.

família, foi como empregado em uma grande fazenda da região. Lauvir fazia todo tipo de trabalho braçal, mas na grande maioria das vezes era trabalho na roça. Ganhava pouco e dependia do patrão para tudo, uma espécie de “dependência servil”, o que tornou ainda mais árdua sua trajetória até o P.A. Ernesto Che Guevara. Mas não era diferente do trabalho da maioria dos empregados nas grandes fazendas na região, com isso, na maioria das vezes submetiam-se ao que Marx chamava de exploração do proletariado.

O desenvolvimento da burguesia, isto é do capital, corresponde, na mesma proporção ao desenvolvimento do proletariado, da classe dos operários modernos que só sobrevivem à medida que encontram trabalho, e só encontram trabalho à medida que o seu trabalho aumenta o capital.⁵³

Todavia, como a demanda de mão de obra oriunda do fracasso do pequeno agricultor tornou-se muito grande, mesmo o emprego braçal ficou escasso no campo e, com isso, a tendência de todos os “desempregados do campo”, na região de Guaraniaçu, foi migrar para novas terras. Isso fez com que mais uma vez as dificuldades enfrentadas pelo homem do campo culminassem no “esfacelamento” familiar, pois, como a grande maioria, Lauvir teve que separar-se de todo o resto de sua família, deixando irmãos, pai e mãe para trás para conseguir emprego.

Lauvir, aos dezenove anos, mudou-se para Imbaú, região norte do Paraná, onde tentou a vida como trabalhador do campo. Enfrentou muita dificuldade no início, pois foi difícil encontrar emprego em uma região onde a economia era voltada ao extrativismo de madeira, trabalho o qual Lauvir não tinha experiência. Ficou, assim, alguns meses sem trabalho e com isso sem renda, vivendo com o auxílio de amigos que já tinha em Imbaú.

Refletir o passado, buscando no baú da consciência o que lembravam de suas histórias foi, para os assentados um exercício que demandou horas de conversas. O diálogo possibilitou o resgate de vida e recordações de informações e acontecimentos, contribuindo nas explicações do que ocorreu historicamente e de como se refletem no presente. Isso fica claro nos relatos de Lauvir, quando demonstra certa revolta por ter se sentido obrigado a deixar sua família e passar por dificuldades tão grandes ainda jovem.

⁵³ MARX, Karl; ENGELS, Fredrich. *Manifesto do Partido Comunista*. [Tradução Sueli Tomazzini Barros]. Porto Alegre: L&PM, 2006, p. 35.

Por não ter mais no que trabalhar, tive que pegar a estrada, Não tinha mais como viver com minha família, não tínhamos sustento pra todos. Então fui pra Imbaú, tinha uns amigos lá, mas não tinha emprego certo, tive que procurar. [...] Quando tava lá é que vi que as coisas tava ainda pior, porque lá tinha pouca lavora, era só extração de madeira, e isso dificultou pra eu arranjar emprego, pois eu não tinha prática de trabalhar com madeira. [...] Passei os piores dias da minha vida, passei fome, quem me acudiu foram amigos e até estranhos, que me deram até de comer. Depois de um mês e pouco arranjei emprego numa fazenda lá, o trabalho era pra ajudar na descarga e no carregamento de adubos que chegavam na fazenda, era pesado, mas eu tava dando graças daquele emprego, pois eu tava numa pior, e foi assim minha juventude fora de casa.⁵⁴

Lauvir trabalhou em algumas fazendas, com várias funções de trabalho, em algumas até conseguiu plantar um pouco para seu próprio sustento, pois eram em terras concedidas pelo patrão. Mas sua produção era pequena. A parte mais fértil das terras era cultivada pelo dono das terras. Sempre trabalhou sob a iminência do desemprego, pois, como para muitos outros, o avanço tecnológico foi sinônimo de desemprego para aqueles a quem vendia sua força de trabalho.

Teve vez que o patrão até deu umas terras pra nós plantar, mas era a pior parte das terras, então eu tentava plantar alguma coisinha, mas era difícil. Mas o problema mesmo era quando as máquinas substituíam nosso trabalho, isso era que acontecia, nós perdíamos o emprego mesmo.⁵⁵

Toda essa dificuldade, enfrentada por Lauvir e muitos outros, fez com que ele buscasse o Movimento dos Trabalhadores Sem Terra, o MST. Em 1992, Lauvir aderiu ao Movimento na região onde morava, Imbaú. Foi convidado por pessoas que já estavam acampadas em uma Fazenda chamada Serra Azul, perto da cidade, e que estavam já há um ano esperando pela desapropriação daquelas terras.

Lauvir aceitou o convite, pois sempre sonhou em ter um pedaço de terra novamente, não só para plantar e trabalhar, mas, quem sabe, para unir sua família de novo. E com esse objetivo Lauvir foi para o acampamento em abril de 1992, quando teve seus primeiros dias como militante do MST. Na fazenda, Lauvir logo começou a trabalhar. Os que ali estavam, plantavam naquele momento o essencial para a

⁵⁴ Lauvir Zulian, assentado do P.A. Ernesto Che Guevara, entrevista concedida em 03/01/2010.

⁵⁵ Idem, entrevista concedida em 03/01/2010.

alimentação, pois estavam vivendo ali sob um regime conhecido como “coletivo”, onde os lotes ainda não tinham sido distribuídos aos assentados, e dessa forma plantavam de forma comunitária e distribuíam as tarefas entre os assentados da mesma maneira.

Como a legalização da fazenda para a prática de Reforma Agrária estava demorando a sair, os assentados da Fazenda Serra Azul fizeram inúmeras manifestações, passeatas e manifestos junto aos órgãos competentes da região. Lauvir participou ativamente dessas manifestações, atitude que fez com que ele se tornasse um importante militante dentro do Movimento. Com a desapropriação da fazenda Serra Azul feita pelo INCRA e a distribuição dos lotes, Lauvir logo passou a ser um dos representantes do Movimento, não só ali, mas em outras regiões também. Teve como responsabilidade o cargo de líder da cooperativa de grãos formada pelos assentados da Fazenda, onde atuou por nove anos.

Eu fui trabalhando e fui vendo que não precisava de muita coisa pra sobreviver no campo, bastava um pedacinho de terra, mas era essa a questão, que nem esse pedacinho de terra pertencia mais ao pequeno agricultor, isso fez com que eu não quisesse voltar mais a ser escravo do trabalho dos grandes latifundiários, eu tinha direito à terra, e queria que todos nós víssemos isso. Por isso me tornei um militante, foi onde eu me encontrei, vi que se a gente se unisse, nós teria muita força, e foi assim que eu tornei um militante do MST. [...] Depois fizemos a cooperativa dentro do assentamento, e foi muito bom, porque todos plantavam e tinham um lucro mais ou menos igual, ficou até famosa nossa cooperativa na região, eu me orgulho de ter feito parte da formação daquela cooperativa.⁵⁶

Durante o período em que estive no Assentamento Serra Azul, em Imbaú, Lauvir teve contato com membros do MST de vários assentamentos, quando participava de eventos ligados ao MST. Foi num desses eventos, na cidade de Cascavel, PR, que conheceu uma jovem militante, filha de assentados, e que viria a se tornar sua esposa. “Nos conhecemos em um encontro de assentados e tamo junto até hoje”⁵⁷.

Toda a militância e entrega de Lauvir ao Movimento, sobretudo ao assentamento Serra Azul, foi gratificante a ele, mas lhe custou a estabilidade, pois, por ser um assentado ligado às atuações no MST, tanto dentro quanto fora do assentamento, Lauvir ainda não tinha seu próprio lote. Casado, achou que era hora de trabalhar na sua própria

⁵⁶ Lauvir Zulian, assentado do P.A. Ernesto Che Guevara, entrevista concedida em 03/01/2010.

⁵⁷ Idem, entrevista concedida em 03/01/2010.

terra, pois já havia contribuído em muitos aspectos para o assentamento em Imbaú, assim como também para o Movimento.

Muitas tentativas foram feitas para que Lauvir conseguisse seu lote dentro do assentamento Serra Azul, mas como a permuta de lotes é proibida, e todos os lotes já haviam sido distribuídos, sentiu-se obrigado a ir para outro assentamento. Decidido isso, recebeu o convite de ir para onde moravam e trabalhavam os pais de sua esposa, o P.A. Ernesto Che Guevara, na região centro-sul do Paraná.

Na época, em 2002, eu queria ficar lá em Imbaú, mas me preocupei em militar e tentar formar um Movimento forte e me esqueci de mim mesmo, acabei ficando sem um lote registrado no INCRA, legalizado mesmo, entende? Então, como eu não queria dar mal exemplo em fazer permuta de um lote, pois tive várias propostas pra fazer isso, mas não aceitei, resolvi procurar outro assentamento, ajeitar meu cantinho, voltar a trabalhar na roça, plantar, já tinha contribuído bastante, ajudei a mim e a muitos que estavam na mesma situação de miséria que eu tive. Agora que tava casado, tinha que sustentar minha família. Foi aí que surgiu a idéia de ir pro Che Guevara, meu sogro já estava lá, então tivemos que encarar mais aquele desafio.⁵⁸

Em novembro de 2002, Lauvir e sua esposa, que estava grávida, chegaram ao P.A. Ernesto Che Guevara, em Teixeira Soares. No início, a ideia era de ficar no lote que seu sogro tinha, e logo depois ter seu próprio lote. Mas esse sonho se arrastou por dois anos, quando o INCRA legalizou mais alguns lotes e, entre eles, o de Lauvir.

Mas até isso acontecer, Lauvir trabalhava com sua esposa, nas terras de seu sogro, dividindo o trabalho e a produção. Devido à certa estabilidade e variedade de produtos que produziam em conjunto com a família de seu sogro, Lauvir conseguiu manter o sustento de sua família. Mas com a vinda de seu primeiro filho, ele se viu na necessidade de trabalhar e produzir mais. Para isso precisava de um lote maior. Depois de muita “luta” junto ao órgão responsável pela nova distribuição de lotes daquele assentamento, tendo em vista que já havia sido feita uma distribuição no período da ocupação, Lauvir conseguiu seu lote. A satisfação de Lauvir é notória, quando relata sobre a conquista de seu próprio pedaço de chão.

Desde quando cheguei aqui, não tive problemas, trabalhava com meu sogro, plantávamos juntos, sobrava pouco, mas dava pra sobreviver. Mas depois que nasceu meu filho, eu não podia ficar parado, tinha que

⁵⁸ Lauvir Zulian, assentado do P.A. Ernesto Che Guevara, entrevista concedida em 03/01/2010.

correr atrás do que eu desejava, que era o lote. Fui atrás, fui pra Curitiba falar pessoalmente com os representante do INCRA, mandei ofício, fiz de tudo, até conseguir legalizar meu pedaço de terra. Quando consegui, foi muito gratificante, parece que o Movimento tava me retribuindo pelo que eu fiz no outro assentamento, senti uma sensação de conquista.⁵⁹

Depois de ter seu lote legalizado, próximo ao lote de seu sogro, Lauvir de início tentou aproveitar o bom preço do milho na época, e comprometeu boa parte de sua lavoura com o plantio de grãos. Sua primeira colheita não rendeu o esperado. Lauvir teve prejuízo, fazendo com que tentasse alternativas para o uso de suas terras. Foi quando aderiu ao programa de produção de hortaliças subsidiado pelo Estado.

Logo, quando pude plantar no lote que recebi, tentei com milho, pois o preço tava bom na época. Mas o lote não tinha a terra corrigida, pouco calcariada, então a produção foi pouca. Mas não desanimei, conversei com meu sogro e com outras pessoas que já tavam produzindo hortaliças e resolvi plantar também, isso me animou, aprendi a lidar com o adubo orgânico, por que era obrigado a usar e então as coisas foram tomando rumo.⁶⁰

Boa parte das famílias assentadas ali já participava da prática do plantio de hortaliças orgânicas. Lauvir, que teve sua primeira colheita de grãos razoavelmente baixa, resolveu diminuir a plantação de milho e soja, para também poder dar início ao cultivo das hortaliças, pois, como regia o programa de compra antecipada, a compra de tais produtos era garantida, o que lhe deu certa estabilidade.

Com a sua produção, Lauvir tinha uma renda mensal de R\$ 360,00, o que lhe ajudava na aquisição de produtos que não eram produzidos dentro do P.A. Lauvir ainda continuou a cultivar grãos, mesmo que em escala reduzida, que serviam não só para uso próprio, no caso o milho, mas para o comércio, no caso a soja. Com o passar do tempo, Lauvir resolveu tentar aumentar um pouco mais o orçamento familiar com a criação de gado para ordenha. Com o dinheiro que economizou vendendo hortaliças, comprou três vacas, inicialmente. Assim como seu sogro e outras famílias dali, Lauvir começou a comercializar leite, tendo no começo um bom retorno. Mas, como no caso dos demais, com a oscilação do preço de leite, Lauvir resolveu beneficiá-lo produzindo queijos e outros derivados do produto.

⁵⁹ Lauvir Zulian, assentado do P.A. Ernesto Che Guevara, entrevista concedida 03/01/2010.

⁶⁰ Idem, entrevista concedida em 03/01/2010.

Comecei a fazer a horta com adubos orgânicos, aprendi a fazer adubos, e foi de grande ajuda, pois quando comecei a pôr em prática o que aprendia nas palestras do pessoal da EMATER que vinha aqui, fiquei satisfeito, pois tudo que eu produzia tinha destino certo já, o governo compra e distribui nas escolas, APAE, creches, e além do mais é uma renda certa, podia contar com ela. [...] mas eu ainda podia fazer mais, então resolvi fazer como os outros mais velhos aqui, lidar com o leite, afinal tinha pra quem vender. Comprei duas vaquinhas, do leite que elas produziam um pouco ficava pra gente, o resto vendia, mas o preço variava muito, então pensei: vou fazer queijo e vender eu mesmo na cidade, e deu certo, hoje eu vendo todo o queijo que faço.⁶¹

Lauvir produzia, em média, 30 quilos de queijo ao mês, o que lhe rendia aproximadamente R\$ 600,00. Somado com o valor que tinha com a venda das hortaliças, resultava num total de R\$ 960,00 mensais que, segundo Lauvir, era o suficiente para levar uma vida bem diferente daquela da sua juventude.

Tal mediação feita pelos órgãos do governo veio a ajudar inúmeras famílias assentadas no P. A; em meio a as dificuldades enfrentadas por todos ali, tal projeto determinou sobre tudo a permanência de muitos no assentamento, tendo em vista que, não foram raras às vezes em que famílias aderiram ao Movimento e não conseguiram se manter como assentados e abandonaram seus lotes. Essa “parceria” entre assentados e o Estado para a produção de hortaliças não exclusividade do P.A. Ernesto Che Guevara, tal programa é uma constante entre os assentamentos do Paraná, porém na região micro-região Ancespar, o P.A pesquisado teve grande aproveitamento do projeto.

No cotidiano dos assentados do P.A. entres várias práticas de cultivo e criação de animais feita pela maioria dos assentados dali, era comum a criação de porcos, não com fim comercial, mas para consumo próprio. Não raro deixavam um dia da semana, previamente marcado, para o abate dos porcos.

⁶¹ Lauvir Zulian, assentado do P.A. Ernesto Che Guevara, entrevista concedida em 03/01/2010.



Figura 10: Imagem do abate de um porco, feito pela família de Lauvir do P.A. Ernesto Che Guevara - Foto Léo Heraki

Hoje, Lauvir tem um casal de filhos. O mais velho, com oito anos, estuda na cidade de Ponta Grossa, pois a escola do assentamento ainda está em formação, assunto que merecerá um relato abrangente mais adiante.

No dia-a-dia do assentamento, Lauvir se destacou por sua liderança. Logo se tornou um dos representantes do P.A. Ernesto Che Guevara, ajudando e incentivando as famílias que ainda não tinham aderido à diversificação do cultivo de suas terras. Lauvir organizava reuniões com os assentados, com quem debatia sobre diversos assuntos e problemas que enfrentavam diariamente, dentro e fora do P.A. Levava reivindicações de seus companheiros assentados para os representantes do INCRA, com os quais tinha bom relacionamento devido as suas diversas intervenções junto ao órgão em busca de melhoria para si e para seus próximos.

Sobre sua atuação como militante do Movimento, Lauvir recorda com orgulho do tempo em que era um manifestante ativo. E quanto ao Movimento hoje, segundo ele, relata que existem falhas, como em qualquer Movimento Social, mas que para ele foi um “renascer” o dia que aderiu à causa da luta pela terra.

O que a gente vê do Movimento é que ele tá enfrentando uma crise, essa crise ela talvez seja oriunda do próprio método de organização do MST, que não tá conseguindo massificar, e que as pessoas participem do movimento, talvez seja isso, ou talvez seja também o próprio modelo que a gente vive hoje, o capitalismo, porque as pessoas vão pro lado que é mais lucrativo sem levar em conta o aspecto mais humano e de convivência social, de conquista coletiva, talvez seja um pouco dos dois juntos, porque hoje é uma corrida pra conquista econômica, todo mundo corre atrás, se movimenta e vai atrás de outros valores, mas de solidariedade, de conquista coletiva às vezes fica deixado de lado. Mas isso é feito por pessoas que não entenderam o sentido do MST, só por elas.⁶²

A participação e o trabalho fizeram de Lauvir um personagem importante na história do P.A. Ernesto Che Guevara. Apesar de não ter participado do início da formação do P.A. foi, e ainda é, fundamental, tanto para o P.A. quanto para o Movimento. Tanto sua participação enquanto militante do MST, quanto sua trajetória de vida foram temas importantes à serem historicizados.

4.2. O papel da mulher no assentamento

A heterogeneidade do P.A. Ernesto Che Guevara, assim como de outros assentamentos, é percebida não só pela diversidade cultural e de origem de seus membros, como também pela participação da mulher, no que se diz respeito à formação e construção de uma identidade democrática do MST, tendo na figura da mulher um papel fundamental no Movimento, não só no amparo aos homens e filhos, mas, também como trabalhadora, militante, e também como líder de muitas manifestações, porém nem foi sempre assim. A parte mais considerável dos estudos referentes à questão dos Movimentos Sociais do campo no Brasil está direcionada especialmente à discussão da questão agrária e da estrutura fundiária, ou mesmo estudos referentes à forma da educação nos assentamentos. Porém, na medida em que tais pesquisas se desenvolvem, aflora também a problemática das relações de gênero e do papel da mulher dentro dos assentamentos.

⁶² Lauvir Zulian, assentado do P.A. Ernesto Che Guevara, entrevista concedida em 03/01/2010.

Até os anos 80, a mulher que trabalhava no campo não era reconhecida como trabalhadora rural, não possuindo direitos previdenciários, bem como não poderia vir a ser sindicalizada. Ela era tida tão somente como “do lar”.

A problemática sobre a questão de gênero no MST, (que não está como foco principal deste estudo), ainda que só recentemente tenha suscitado o interesse de pesquisas acadêmicas, aparece entre as “Normas Gerais” do MST publicadas já em 1989. Tais normas apresentam a preocupação do Movimento em estabelecer e organizar regras gerais que possibilitem à mulher a inserir-se na organização e administração do Movimento em condições de igualdade junto aos seus companheiros do sexo masculino. No início das grandes ocupações feitas pelo MST nos anos 80, os homens do Movimento eram quem, de forma geral, comandavam a articulação das manifestações e o modo de organização das ocupações. As decisões internas mais importantes ao Movimento, mesmo tendo em seus quadros um considerável contingente efetivo de mulheres, eram realizadas basicamente pelos homens, restando às mulheres apenas o papel secundário de meras executoras de tais normas

Isso por si só renderia uma tese sobre o tema, mas o que se relata aqui é a trajetória de vida dos assentados do P.A. específico em questão, e nele se faz tão necessário quanto qualquer outro, o relato da trajetória de vida da mulher-assentada, nisso, fomos em busca da trajetória de Lilian, assentada no P.A. Ernesto Che Guevara desde 2002.

Lilian hoje tem 28 anos de idade, casada, dois filhos e está no P.A. Ernesto Che Guevara desde 1999, quando foi viver com seu pai, que já estava estabelecido desde a ocupação. Teve sua infância castigada pelo trabalho pesado da roça, mas sempre participou e presenciou a luta de sua família para se manter no campo. Nasceu em Cacoal – RO, mas sua família a pouco tinha vindo de Santa Cruz do Sul - RS, onde tinham terras e as perderam devido às estiagens e dívidas, com isso, pouco puderam fazer para melhorar as condições de vida. Lilian relembra do trabalho de seu pai nas fazendas e, mesmo ela sendo de pouca idade, recorda das preocupações dele quanto ao sustento da família.

Me lembro que moramos em várias fazendas, algumas eu lembro mais, mas sei que meu pai trabalhava até à noite, e lembro de meu pai dizendo que o trabalho que ele fazia não era pra sempre, isso

preocupava minha mãe, e nós também, pois nós não gostava de ficar mudando, mas meu pai perdia o emprego, e tinha que se mudar.⁶³

Ela teve sua infância entre o auxílio à sua mãe nos afazeres domésticos e o início dos estudos, o qual completou até a oitava série. Mas, mesmo não trabalhando diretamente na roça, não foi obstáculo para a percepção das dificuldades de seu pai em arranjar emprego, ou mesmo em mantê-lo quando conseguia, o que fez com que Lilian mais tarde desenvolvesse um interesse pela luta da terra. Quando tinha nove anos de idade, sua família mudou-se para o Mato Grosso do Sul. Devido à falta de trabalho em Rondônia, tiveram que mais uma vez aventurar-se em “terras estranhas”.

A família de Lilian conseguiu se estabelecer e arranjar emprego em uma fazenda na cidade de Sapezal – MS, onde ficaram por alguns anos. Seu pai trabalhava como empregado na lavoura de grãos. Quando necessário também ajudava na pecuária, pois a fazenda também era grande produtora de leite na região.

Com isso, Lilian teve a oportunidade de estudar em uma escola pública da cidade, enquanto sua família dedicava-se aos trabalhos. Na escola onde estudou, Lilian tinha contato na grande maioria das vezes com crianças vindas das fazendas próximas.

Eu ia pra escola que era perto da fazenda onde nós morava, e na escola tinha quase só criança dos empregados das fazendas dali, pois era uma região que tinha bastante fazenda, então a maioria das criança era do campo, nós tinha pouco contato com gente assim como se diz, da cidade né, então acho que por isso que não tive vontade de ir pra cidade, mesmo passando por dificuldade sempre quis morar no campo.⁶⁴

Quando completou dezesseis anos, Lilian viu seu pai partir para o Paraná em busca de uma nova vida. Seu pai resolveu aderir ao Movimento dos Trabalhadores Sem Terra para tentar ser novamente dono de um pedaço de terra, e com isso, dar uma estabilidade para Lilian, sua mãe e seu irmão.

Ela ficou com sua mãe no Mato Grosso na casa de amigos, trabalhando por dois anos e meio até que seu pai se estabelecesse no assentamento em que decidiu ir, no Paraná.

Quando eu tinha dezesseis anos, meu pai disse pra nós: vou pra um assentamento. Minha mãe até ficou assustada, mas eu não, eu já sentia

⁶³ Lilian Clara de Souza, assentada do P.A. Ernesto Che Guevara; entrevista concedida em 09/01/2010.

⁶⁴ Idem, entrevista concedida em 09/01/2010.

que meu pai não se conformava de ter perdido tudo que tinha no Rio Grande (Sul) para os bancos, eu via isso no dia a dia que ele tinha vontade de ter sua terra de novo sabe?! Ele vivia se informando sobre o MST, e quando teve uma oportunidade, ele foi, e pra falar a verdade eu apoiei, pois eu via que a injustiça no campo era enorme, e via que mesmo sendo nova eu já tinha visto muita coisa que eu achava que não era certo, como os grandes fazendeiros comprando mais e mais terras, e não dando chance pros pequenos.⁶⁵

No período em que seu pai ficou longe, a família de Lilian passou por grandes dificuldades, mas ela procurou manter-se firme na esperança de que seu pai conseguiria um pedaço de terra para a família. Nos dois anos e meio que seu pai esteve longe, Lilian buscou inteirar-se dos objetivos e idéias do MST, acabou identificando-se com a “causa”, o que a levou a aderir ao Movimento ali mesmo em sua região. A princípio não como assentada, mas como participante de palestras, campanhas e até mesmo manifestações.

Nesses dois anos e pouco que meu pai veio pra cá e nós ficamos lá no Mato Grosso, foi muito difícil, minha mãe trabalhava de diarista na casa de amigos, e eu já tinha parado de estudar pra ajudar minha mãe, então nós tinha poucas notícias do pai, mas sabia que ele tava em um assentamento e que tavam legalizando as terras pros assentados. [...] eu acabei me identificando com o MST, pois sabia que eles também iam interceder pelo meu pai, então frequentava as reuniões, ia pros manifestos, fui até em um congresso na UNICAMP em São Paulo, meu pai ficou sabendo disso, e disse que ficou orgulhoso, pois, enquanto ele lutava lá, eu lutava aqui.⁶⁶

Após seu pai já estar legalizado no P.A. Ernesto Che Guevara na cidade de Teixeira Soares, no Paraná, Lilian, sua mãe e seu irmão foram para o assentamento. Enfim, a família se reuniu novamente. Essa união fez com que ela se engajasse ainda mais ao Movimento. Como assentada, se via no direito e também no dever de militar pela causa da reforma agrária. Apoiada por seu pai, ela participava ativamente das manifestações que haviam fora da cidade, encontros e congressos. Também exigia, juntamente com os assentados que ali estavam o apoio dos órgãos competentes, sobretudo da prefeitura de Teixeira Soares.

Mas sua participação não era apenas na militância. Lilian trabalhava na lavoura junto com seu pai e sua mãe, ajudava na plantação de grãos, soja e milho.

⁶⁵ Lilian Clara de Souza, assentada do P.A. Ernesto Che Guevara; entrevista concedida em 09/01/2010.

⁶⁶ Idem; entrevista concedida em 09/01/2010.

Posteriormente ajudaram também na criação de vacas leiteiras, tanto no comércio de leite como na fabricação artesanal e também no comércio de queijo. Seu trabalho pouco se diferenciava do trabalho dos homens dentro do assentamento. Assim como a grande maioria dos assentados, ela enfrentou diversas dificuldades, desde o fracasso em algumas colheitas, até a falta de apoio por parte do governo. Lilian dividia seu tempo entre o trabalho e a militância, atitude que chamou a atenção de todos, pelo fato de que no P.A. ela era uma das poucas mulheres que aderiam à militância de forma “agressiva”.

Eu trabalhava rente com meu pai, ia pra roça junto, pegava no pesado mesmo apesar de antes, quando era criança, eu não trabalhar na roça com eles, depois aqui eu aprendi a lidar. Depois quando meu pai comprou as vacas começamos a tirar leite e vender, daí o leite ficou barato então resolvemos fazer queijo, não sabia, também aprendi. [...] e quando dava eu ia pras manifestações, ia na prefeitura pedir pra arrumarem as estradas, não tinha medo de me manifestar.⁶⁷

Porém essa não era a realidade de todas as mulheres do P.A, muitas vezes a mulher tinha sua jornada de trabalho duplicada, pois na grande maioria das famílias do assentamento Ernesto Che Guevara, a mulher trabalhava com o homem no cultivo do solo, além disso, tinha como trabalho também os afazeres da casa. “A incompatibilidade do casamento e da maternidade com a vida profissional feminina foi (e continua sendo) uma das construções sociais mais persistentes”.⁶⁸

Mas para Lilian a militância também lhe deu oportunidades de socialização com outros participantes do Movimento, nisso, em um dos congressos organizados pelo Movimento, Lilian conheceu seu futuro esposo. Unidos também pela luta da terra, acabaram se casando, e juntos formaram uma família regida por um ideal em comum, o trabalho e a luta pela defesa do pequeno agricultor.

Por ainda não ter seu próprio lote, Lilian e seu esposo ficaram morando e trabalhando nas terras do pai dela, onde ajudavam nos trabalhos do campo, dividindo o trabalho e os ganhos. Tudo o que era produzido era dividido entre as duas famílias, e essa coletividade familiar se estendeu por um ano, tempo que levou para Lilian conseguir, junto com o INCRA, a legalização de um lote que tinha sido desapropriado por ilegalidade. Esse lote, medindo seis alqueires, foi designado para que “amparasse”

⁶⁷ Lilian Clara de Souza, assentada do P.A. Ernesto Che Guevara, em 09/01/2010.

⁶⁸ PRIORE, Mary Del. História das mulheres no Brasil. Cord. Bassanezi, Carla, Ed. Contexto pg. 53

uma família que estivesse ali sem a devida regularização de seu lote. Depois de anos lutando pelo movimento, agora se sentiu recompensada. “Lutei pelos outros na minha juventude, agora vi que muitos lutaram por mim para que eu tivesse esse lote”.⁶⁹ A partir de 2001, Lilian e seu esposo trabalhavam em sua própria terra, e começaram a fazer nela o sustento da família.

De início, tentaram o cultivo de grãos, plantando soja e milho, pois era uma época de ascensão comercial desses produtos e, com isso, Lilian e seu esposo almejavam uma rentabilidade razoável para sua pequena lavoura. Mas o que se deu foi uma baixa produtividade, pois a preparação do solo para que se obtivesse uma boa produção era extremamente onerosa, o que não estava acessível à família de Lilian. Isso fez com que obtivessem baixa produção durante os dois primeiros anos de cultivo nas terras de Lilian.

Logo quando conseguimos nosso pedacinho de terra, nosso mesmo, não perdemos tempo, com o pouco que nós tinha compramos um pouco de adubo, sementes, ganhamos um pouco de calcário que meu pai tinha, e começamos a plantar, nós tava esperançoso porque o preço da soja e do milho tava alto, mas o problema era que a nossa terra não tava bem corrigida, precisava de bastante adubo e tal, e isso tava muito caro, compramos o que nós podia, mas foi pouco, então a soja e o milho não rendeu, produziu pouco, mal deu pra pagar as despesas, quase desanimamos, fizemos dois anos seguidos, então vimos que tínhamos que fazer igual aos outros, mudar pra outros tipos de renda.⁷⁰

Assim como outras famílias que já haviam passado pelo mesmo problema e tiveram que diversificar sua produção, Lilian e seu esposo aderiram ao programa de produção de hortaliças “orgânicas”.

Como meu pai e outros que já estavam aqui viram que só plantar soja e milho não dava, eles começaram a plantar as hortaliças, no começo não quisemos, mas depois vimos que era vantagem trabalhar com as hortaliças, então eu e meu marido começamos a ficar por dentro do assunto, participamos de palestras com o pessoal da EMATER, que ensinou a gente a lidar com adubo orgânico. [...] depois fomos trabalhando, logo no começo plantamos numa área onde nós não tinha colocado adubo e veneno antes, depois com o tempo a terra limpou e pudemos plantar no restante da nossa área, ficamos animados, pois a venda era garantida, tudo que nós plantasse nós vendia.⁷¹

⁶⁹ Lilian Clara de Souza, assentada do P.A. Ernesto Che Guevara; entrevista concedida em 09/01/2010.

⁷⁰ Idem; entrevista concedida em 09/01/2010.

⁷¹ Idem, entrevista concedida em 09/01/2010.



Figura 11: Plantação de hortaliças/Lilian – P.A. Ernesto Che Guevara - Foto: Léo Heraki

Com a produção de tais produtos, a família de Lilian começou a ter uma fonte de renda estável. Como nos demais casos, rendia, mensalmente, R\$ 360,00. Valor que ajudava na renda familiar. Tal orçamento, em 2002, passou a ter uma preocupação maior por parte da família de Lilian, pois nesse ano tiveram seu primeiro filho, e a partir daí a busca por uma estabilidade passou a ser prioridade.

Com a chegada do primeiro filho do casal, Lilian deixou a militância pelo movimento e passou a dedicar-se somente aos trabalhos cotidianos no assentamento. Entre o cultivo de hortaliças e uma pequena plantação de grãos, viu-se a necessidade de uma renda maior, o que fez com que eles buscassem alternativas, mas sem deixar os trabalhos que já vinham sendo feitos. Juntamente com o que já cultivava, a compra de vacas produtoras de leite foi a alternativa buscada pela família de Lilian para aumentar sua renda familiar. Lilian e seu marido já tinham experiência em tal trabalho, pois já o haviam exercido enquanto moravam nas terras de seu pai, e isso ajudou muito na decisão desse investimento, que para eles tinha suma importância, pois o que se colocou em jogo foram meses de trabalho revertidos em uma reserva econômica do casal.

A compra de seis vacas deu início a mais esse trabalho em busca de uma melhoria de vida dentro do assentamento para a família de Lilian. O casal dividiu os

trabalhos do dia a dia para que pudessem não só trabalhar com a ordenha das vacas, mas continuar com o cultivo das hortaliças.

Nós pensamos: temos que aumentar um pouco nossa renda, porque eu tava grávida, e isso dava uma responsabilidade pra gente, precisava dar o que meu filho ia precisar. Então resolvemos lidar com as vacas de leite, pois meu pai já fazia isso, outras famílias já faziam isso, então resolvemos encarar, mas na hora de fazer mesmo as compra das vacas, ficamos meio assim, pois era nossa economia de quase um ano, não podia dar errado, mas acabou dando certo, meu pai auxiliou bastante. Dividimos o trabalho, eu tirava leite das vacas e ele cuidava da roça, e as coisas deram certo.⁷²

Lilian e seu esposo trabalharam e conseguiram alcançar uma renda razoável com a criação de vacas de leite. Tiveram mais condições para manutenção de suas despesas familiares. Mas, não diferente do que aconteceu com muitos dos assentados do P.A. Ernesto Che Guevara, eles também tiveram dificuldades em certos períodos devido à variação do preço do leite.

Lilian, sempre buscando alternativas para seus trabalhos dentro do P.A., outra vez tem como exemplo as experiências de outras famílias ali dentro, e resolve também beneficiar o leite produzido. Como já tinha também experiência na fabricação artesanal de queijos, pois o fez quando morava com seu pai, não teve dificuldades para produzi-los e posteriormente vendê-los. Isso fez com que a renda familiar de Lilian tivesse um aumento, pois era um produto de fácil comercialização na região. Com isso, a venda de queijos se tornou uma renda de certa forma estável.

Essa produção de queijos era pequena, porém, lucrativa. Lilian e seu esposo conseguiam fabricar 30 kg de queijo mensalmente, que depois de comercializados rendiam ao casal aproximadamente R\$ 600,00. Somados à renda da venda de hortaliças, rendem à família de Lilian uma quantia mensal de R\$ 960,00. Quantia que garante até hoje o sustento familiar de Lilian, seu esposo, e agora seus dois filhos.

Quando vimos que o preço do leite ficou muito barato, tivemos que tentar outra coisa, então mais uma vez se espelhamos no meu pai né, como eu já sabia fazer queijo desde quando nós morava com ele, então resolvemos fabricar também, e foi o que acudiu nossa renda, pois o queijo você vende fácil na cidade, com isso conseguimos uma renda boa, dá pra levar bem nossas necessidades aqui, se precisar de

⁷² Lilian Clara de Souza, assentada do P.A. Ernesto Che Guevara; entrevista concedida em 09/01/2010.

um remédio temos, se precisar de uma roupa podemos comprar, tudo isso com a renda da horta e do queijo, dá trabalho, mas isso é bom que ocupa nosso tempo e é com o que nós vivemos hoje, porque se fosse pra viver de plantar grãos, nós não ia conseguir se manter.⁷³

Com o passar do tempo, com todos os trabalhos exercidos dentro do P.A. Ernesto Che Guevara, Lilian acabou por definitivamente não participar mais da militância do Movimento. Uma mulher ativa nas manifestações se vê agora com a necessidade de dedicar-se exclusivamente aos trabalhos dentro do P.A. Isso Lilian comenta com certo saudosismo, pois segundo ela, foram tempos de luta, porém, de muitas conquistas também. Tempos que agora ela afirma, não fazem mais parte de seu cotidiano.

Agora eu não participo mais ativamente, não tem como, tenho meus filhos pra cuidar, tenho os trabalhos daqui pra fazer, ajudar meu esposo, então não tem como. E pra ser franca a gente diminui o ritmo, acho que quando a gente é jovem a gente é mais corajoso, mais ativo. Agora eu me lembro com saudade, mas não posso mais ir pra manifestações e tal, só fico na esperança que meus filhos também lutem pela causa, lutem pelo movimento, assim como eu fiz, hoje me perguntam se vale a pena, eu digo que sim, pois o pouco que tenho, consegui através do movimento.⁷⁴

Esta é a trajetória de vida e o cotidiano de Lilian e sua família, que está no P.A. Ernesto Che Guevara há onze anos. Cresceu tendo seu pai como um exemplo das dificuldades de um pequeno agricultor, e que por isso desenvolveu um anseio de luta contra a desigualdade. É uma importante representante da mulher no Movimento.

Sobre o MST, Lilian ressalta a importância do movimento para a sociedade, indica a reforma agrária como um modo legítimo de justiça social. Lembra ainda que muitos pequenos produtores foram e ainda são encurralados pela modernização do campo, tendo muita dificuldade em se adaptar em um ambiente que não é o seu natural.

Vi meu pai sofrer em terras estranhas atrás de trabalho, por ter perdido tudo ele teve que sair de sua terra natal e ir em busca de trabalho, mas o que preocupa é o fato de que meu pai foi apenas um dos muitos que tiveram que fazer a mesma coisa, é por isso que apesar de muita gente fazer críticas ao MST, eu ainda acredito no Movimento, eu sou exemplo que se pode lutar pela Reforma Agrária.⁷⁵

⁷³ Lilian Clara de Souza, assentada do P.A. Ernesto Che Guevara; entrevista concedida em 09/01/2010.

⁷⁴ Idem; entrevista concedida em 09/01/2010.

⁷⁵ Idem; entrevista concedida em 09/01/2010.

No que se diz respeito ao papel da mulher na história, em específico a abordagem que a própria história dá, a “história das mulheres” na historiografia, a própria História Social passou a utilizar tais conceitos para novas abordagens agora tão latentes, com isso, o estudo de gênero se torna fundamental para a história enquanto disciplina. É esse o desafio que o conceito de gênero coloca para a História; é esta a tarefa que esta área do conhecimento deve empreender, para desse modo ser um instrumento útil na construção de uma sociedade com relações mais equitativas no que se refere a mulheres e homens, sujeitos históricos de igual valor no processo de constituição das sociedades.

A própria trajetória de vida de Lilian foi um exemplo disso. Através da luta e experiências vividas dentro do ambiente do MST, obteve conquistas significativas, não só no âmbito material, mas também no âmbito social e pessoal.

4.3. Eduino Massurini: desde a “fundação”

Na história do P.A. Ernesto Che Guevara, muitos que ali estão têm histórias de vida parecidas. Alguns se estabeleceram no P.A. desde sua ocupação, outros foram posteriormente para o assentamento. Porém, talvez nenhum, ao menos dos que fizeram parte desse estudo, tiveram uma trajetória tão ligada ao Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra como Eduino Massurini, que esteve junto aos camponeses na fundação do MST no Paraná. Uma trajetória de vida embasada na luta pela terra.

Eduino, 49 anos, nasceu em Seberi, cidade do interior do Rio Grande do Sul, hoje casado, com três filhos, é assentado do P.A. Ernesto Che Guevara desde 1998. A trajetória de vida de Eduino foi diretamente ligada à luta pela terra. Vinculado ao MST desde sua fundação, em 1984, ajudou e militou pelo Movimento em vários lugares no estado do Paraná. É considerado um dos personagens mais importantes do P.A. Ernesto Che Guevara.

No Rio Grande do Sul, viveu até os dez anos de idade. Junto com seus oito irmãos, desde criança ajudava sua família na lavoura. Sua família tinha uma pequena propriedade de 15 alqueires, onde cultivavam grãos, sobretudo soja. Todos trabalhavam

no campo. Os oito irmãos, junto com seu pai, faziam o trabalho mais pesado. Eduino, como era o mais novo, tinha a função de ajudar seus irmãos nos trabalhos mais leves, como auxiliar a carregar suas ferramentas, levar a alimentação que sua mãe preparava para todos etc. Enfim, até os oitos anos, Eduino sempre esteve presente na roça, vendo e às vezes participando do trabalho no campo, com sua infância ambientada no esforço que sua família fazia para tirar da terra o seu sustento.

Como a família de Eduino era grande, muitas vezes seu pai tinha dificuldades em conseguir mantê-la. A lavoura tinha que produzir consideravelmente para que pudesse obter algum lucro, o que nem sempre acontecia. Muitas vezes acometido, ora por estiagens, ora por excessos de chuva, a lavoura de seu pai não rendia o suficiente para quitar as dívidas feitas para conseguir preparar a terra para o plantio, e com isso sua família acabou por entrar em um processo comum a muitos da região, o de “falência”.

Para produzir era necessário não só gastar mais com adubos, mas também comprar equipamentos agrícolas. Na época, para comprar um trator, o pai de Eduino fez empréstimo junto a uma instituição bancária. Depois de uma colheita fracassada, não conseguindo honrar seus compromissos, a família de Eduino viu sua propriedade ser tomada pelo banco, pois a mesma havia sido dada como garantia. Isso fez com que a família de Eduino tivesse o mesmo destino de muitos daquela região, a migração para outros estados para tentar uma vida melhor.

Lembro de quando eu era pequeno, ajudava meu pai e meus irmão na lavoura com serviço pequeno, mesmo nós trabalhando em bastante da família, meu pai não conseguia ter lucro, sempre tava endividado, pois se não gastasse com adubo não produzia, e se gastasse com adubo não dava lucro, porque quem comprava de pouco, pagava mais caro, então não tinha jeito mesmo, foi aí que meu pai não deu conta de pagar as dívidas e perdemos tudo pro banco.⁷⁶

Geralmente no campo, quando se tem problemas desse gênero, a busca por lugares diferentes para tentar a vida é inevitável, e com isso, na grande maioria das vezes o que se tem é uma divisão do núcleo familiar, levando em consideração que, em grande parte, as famílias são numerosas e dificilmente conseguiriam manter-se juntas em uma mudança desse gênero. Na família de Eduino não foi diferente, quando tiveram

⁷⁶ Eduino Massurini, assentado do P.A. Ernesto Che Guevara, entrevista concedida em 06/01/2010.

que mudar, muitos de seus irmãos foram para lugares diferentes em busca de uma sorte melhor.

Eduino mudou com seu pai, sua mãe e mais três irmãos para uma cidade do sudoeste do Paraná chamada Pérola do Oeste. Estabeleceram-se e tentaram conseguir emprego em fazendas que havia na região. As dificuldades foram grandes, tanto para o trabalho como para se adaptarem a um lugar distante de sua terra natal. Ficaram hospedados em parentes até se empregarem e estabelecerem-se.

Como nunca tinham trabalhado fora da agricultura, tiveram dificuldade para trabalhar em outro ramo. Seu pai e seus irmãos conseguiram trabalho e moradia em uma fazenda como “arrendados”,⁷⁷ onde tentaram recomeçar a vida. Esse tipo de trabalho era comum na região, onde existia mão de obra abundante, mas davam preferência a pessoas oriundas do campo, devido à sua experiência com o trabalho na lavoura.

Nós éramos arrendados, trabalhávamos na lavoura e nós dávamos porcentagem para o patrão. Ele dava só o terreno pra nós e uma casinha meio ruim pra morar. Não tinha luz, não tinha nada, então nós dávamos 40% do que produzíamos pra ele, então no sudoeste a maioria do pessoal que veio do Rio Grande que não tinha dinheiro pra comprar terra fazia assim, arrendo.⁷⁸

Com isso, Eduino, com onze anos, já participava dos trabalhos e também das dificuldades de seu pai e seus irmãos.

Ficou na cidade de Pérola do Oeste por dez anos. Conseguiu trabalho em algumas fazendas da região, sempre trabalhando como arrendado. Assim, Eduino não tinha muitas opções para melhorar suas condições. Casou-se e assim teve que deixar o lar de seu pai para viver com sua esposa. Com isso aderiu também às responsabilidades de ser provedor do sustento de uma família. Eduino, apesar de receber a ajuda de sua esposa em seus trabalhos diários na fazenda onde trabalhava, não conseguia ter uma boa perspectiva quanto ao seu futuro, e viu naquelas dificuldades a motivação para uma nova tentativa de mudança. Agora, não com seu pai, mas sim com sua esposa, pois começara uma nova família.

⁷⁷ Método de trabalho onde a pessoa recebe por arrendamento a parte de uma área de uma fazenda, geralmente pequena e pouco produtiva, e tem como obrigação entregar ao dono da terra 40% do total da produção.

⁷⁸ Eduino Massurini, assentado do P.A. Ernesto Che Guevara, entrevista concedida em 06/01/2010.

Casei com dezenove anos, e já trabalhava, mas agora eu não tinha só que ajudar meu pai, eu tinha uma esposa e era responsável por ela, então tinha que me virar sozinho, fui morar com ela em outra fazenda, também trabalhar como arrendado, era muito difícil, minha esposa até me ajudava, mas o trabalho era muito e ganhávamos pouco, pra fazer sobrar um pouquinho que fosse, tínhamos que deixar de comprar muita coisa que era preciso, mas aquela economia que fizemos tinha sentido, nós queria ter nossa própria terra.⁷⁹

Com muito trabalho e dificuldade, Eduino conseguiu economizar certa quantia em dinheiro para tentar realizar o sonho de ter seu próprio pedaço de terra. Como a quantia não era muita e os preços das terras naquela região eram altos, Eduino recebeu uma proposta atrativa na época para a aquisição de terras. Foi quando em 1982 Eduino comprou uma pequena área de terra em Santa Rita, no Paraguai. Com a quantia que Eduino tinha, só podia adquirir terras lá, pois eram mais baratas devido à colonização feita por brasileiros no interior do Paraguai, os “*brasiguaios*” como eram chamados, e, também, porque as terras que existiam lá geralmente não eram documentadas ou legalizadas. Muitos dos “proprietários” dessas terras tinham o direito à exploração da terra, mas não de comercialização da mesma. A partir de 1970 começou a imigração maciça de brasileiros, a maioria do Estado do Paraná. O termo surgiu quando – com a construção da hidrelétrica de Itaipu – os agricultores que tiveram suas propriedades invadidas pelo espelho d'água da barragem receberam indenizações insuficientes para a compra de novas terras no Brasil. Optaram por deslocar-se ao vizinho Paraguai onde as terras eram cerca de 8 vezes mais baratas. Além disso, no ano de 1967, o governo paraguaio abolira uma lei que proibia a compra por estrangeiros de terras na faixa de 150 km de suas fronteiras. Um fator adicional a estimular a migração a partir do Paraná foi a crescente mecanização da produção de soja naquele Estado, que resultou na concentração de extensas áreas de plantio na posse de grandes empresas. Os pequenos agricultores brasileiros buscaram então as terras mais baratas do outro lado da fronteira

Eduino, não sem acesso às informações sobre documentações e legalizações de tais áreas, despediu-se do restante de sua família e, junto com sua esposa, seguiu para Santa Rita no Paraguai, para tentar a vida em sua terra.

Lá chegando, logo se estabeleceu, e deu início à uma vida nova e cheia de esperanças. Suas terras eram de solo fértil, pois localizavam-se em uma região onde a agricultura era abundante, o que se percebia pelas áreas vizinhas. Encorajado pelo que a

⁷⁹ Eduino Massurini, assentado do P.A. Ernesto Che Guevara, entrevista concedida em 06/01/2010.

priori viu, Eduino logo começou a trabalhar, e teve a plantação de grãos como sua principal produção em sua lavoura. Com pouca estrutura e nenhum equipamento agrícola, Eduino teve bastante dificuldade para fazer de sua propriedade uma terra rentável. Porém, com o passar do tempo, Eduino começou a colher os frutos de seu trabalho, mesmo sem muitas condições. Sua terra era extremamente fértil, e com isso obteve boa rentabilidade. Assim, Eduino e mais alguns brasileiros, que também compraram terras no Paraguai, sentiam pela primeira vez a esperança de um futuro melhor e estável.

No começo foi bem difícil, mas já nós já tava acostumado com isso, então fomo trabalhando, emprestando equipamento de brasileiro que já tava lá, e assim plantamos soja, era o que dava mais, então fizemos a primeira lavoura, e tivemos sorte, a terra era muito boa, deu bem pouca quebra, então rendeu, deu pra pagar umas continha que fizemos na chegada, por que fomo sem nada, então depois da colheita vimos que ali nós podia levar uma vida melhor.⁸⁰

Por dois anos Eduino trabalhou junto com sua esposa em sua terra. Na esperança de melhorar suas condições de vida, trabalhavam só os dois na roça para que sua rentabilidade fosse maior. Enfim, durante dois anos conseguiram o que não haviam conseguido durante toda sua juventude como arrendado no Paraná. Nesses dois anos Eduino também teve realizações no âmbito pessoal, pois sua mulher teve o primeiro filho do casal, ainda em terras paraguaias.

Mas o que se deu ao final do segundo ano em que estavam lá foi algo que veio a atrapalhar os sonhos de Eduino, pois suas terras foram confiscadas pelo governo paraguaio devido à não legalidade das mesmas.

Eu comprei um terreno no Paraguai aquela época e como eu não sabia das leis do Paraguai, lá tinha uns caras conhecido e eles não tinham permissão pra vender lá no Paraguai aquela região, eles tinham permissão pra explorar, não pra vender, eu comprei um terreno lá e perdi.⁸¹

Quando Eduino tentou procurar auxílio com amigos que tinha feito no país vizinho, já não havia mais nada a ser feito. Assim, Eduino e sua esposa, agora com um filho, perderam tudo que haviam conseguido. Pôde vender somente o restante da

⁸⁰ Eduino Massurini, assentado do P.A. Ernesto Che Guevara, entrevista concedida em 06/01/2010.

⁸¹ Idem, em 06/01/2010.

produção de soja, dinheiro suficiente apenas para sua volta. Agora, novamente sem ter onde morar e sem ter de onde prover o sustento de sua família, Eduino se viu na mesma situação em que seu pai havia estado há mais de uma década. Portanto, Eduino sentiu na pele a insegurança do futuro, não apenas dele, mas de sua esposa e filho.

Quando vimos que não tinha mais nada pra fazer fiquei desesperado, via meu filho ali, sem saber de nada, e sabendo que ele não tinha rumo certo dali pra frente. Isso me deu uma revolta grande, não sabia pra onde ir, pra quem recorrer, fiquei numa situação desesperadora, foi onde fui informado de uma movimentação no Paraná em busca de terra.⁸²

Eduino, através de divulgação feita por manifestantes na região de Foz do Iguaçu-PR, ficou ciente de que grupos estavam mobilizando-se no Paraná e Rio Grande do Sul em torno da luta pela Reforma Agrária. E, no bojo de suas dificuldades enfrentadas no momento, Eduino resolveu inteirar-se do Movimento e tentar fazer parte do mesmo. Em 1984, junto com sua esposa e seu filho, Eduino mudou-se para um acampamento em Salto do Lontra, PR, onde pequenos agricultores que também haviam perdido suas terras, por motivos variados, reuniam-se na tentativa da formação de um Movimento Social.

Sem hesitar, Eduino logo se identificou com a situação dos “acampados” que ali estavam, e viu naquele início de formação comunitária camponesa uma esperança, não só para seu futuro, mas para o de todos que ali estavam. Foi recebido no acampamento. Logo se inteirou sobre o porquê da fazenda ter sido ocupada, qual era a perspectiva dos acampados ali, e onde mais havia acampamentos como aquele.

Fiquei sabendo, através de uma propaganda de Reforma Agrária, que tava sendo feita no Paraná, então combinei com uns conhecidos e fomos pra um acampamento em Salto do Lontra, perto de Rio Bonito do Iguaçu. Chegamos lá, minha esposa e meu filho de um ano, fomos bem recebidos, um compadre meu tinha ido antes e já tinha contado minha história. Então lá ficamos sabendo da formação do Movimento, ainda não era com o nome MST, mas tavam formando ainda. Ficamos sabendo que não era só ali a ocupação, e contaram pra nós quanto aquela fazenda que nós tava era improdutiva, e quantas mais tavam na mesma situação, enfim, explicaram pra nós que tínhamos direito à terra, e que a partir daquela manifestação que nós tava fazendo ia se formar um grande Movimento.⁸³

⁸² Eduino Massurini, assentado do P.A. Ernesto Che Guevara, entrevista concedida em 06/01/2010.

⁸³ Idem, entrevista concedida em 06/01/2010.

E, de fato, Eduino, mesmo sem ter a noção naquele momento, fez parte, e teve participação na fundação do que hoje é o maior movimento social do país, o MST.

Mas o que se deu nos meses seguintes foram dias de apreensão por parte de muitos que ali estavam acampados, enquanto não se definia o futuro daquela organização social, o que se via, segundo Eduino, eram pessoas cheias de esperança, porém, também cheias de dúvidas no sucesso do movimento. Eduino se manteve firme, a cada dia mais, no propósito da luta pela terra, e via, não só em seu próprio infortúnio, mas nos sofrimentos de seus companheiros, uma motivação para continuar no acampamento, onde as condições eram precárias. Todos que ali estavam ficavam em barracas de lona, convivendo com a escassez de comida, de água, e muitas vezes com a presença do medo. De parte dos então proprietários da fazenda, a palavra de ordem era desocupar, mesmo que para isso fosse preciso usar da violência. Mas, para Eduino, na medida em que participava dos acontecimentos do acampamento, mais se identificava com o Movimento, tornando-se, assim, não só um “acampado”, mas um participante ativo, sobretudo um motivador de todos que ali estavam.

Depois de meses acampados em Salto do Lontra, oficialmente, na cidade de Cascavel, PR, se deu a reunião que definiu o MST e os rumos que tomaria o movimento. Eduino estava lá, havia se deslocado do acampamento em que se encontrava e participou da primeira reunião formal do Movimento. Eduino relata com um discurso repleto de orgulho por fazer parte da fundação do MST.

Eu estive lá! Saí do acampamento do Salto do Lontra só pra participar da primeira reunião oficial do Movimento. Não fui só avisado, fui convidado pelos dirigentes na época, porque eu era bem ativo lá no acampamento. Então fizeram questão que eu fosse, isso hoje me faz ser uma “parte” do movimento, não que eu seja mais que os outros, mas é que eu estou com o Movimento desde o começo.⁸⁴

Depois de formalizado o Movimento, em 1985, as famílias acampadas foram assentadas em áreas que já estavam em processo de desapropriação; e muitas outras foram “chamadas” pelo Movimento para a ocupação de novas áreas. Eduino e sua família estiveram entre os escolhidos para tal missão. Para tanto, foram para a cidade de

⁸⁴ Eduino Massurini, assentado do P.A. Ernesto Che Guevara, entrevista concedida em 06/01/2010.

Castro PR, onde participaram da ocupação da fazenda Santa Luzia. Fizeram a ocupação em 120 famílias, onde Eduino e sua família ficaram como assentados durante dez anos.

A família de Eduino aumentou, tiveram mais dois filhos, e ele não deixou de participar do Movimento ativamente. Frequentava os congressos e manifestações do Movimento em várias partes do estado e, por isso, acabou se tornando um dos líderes, condição que não gosta de se “enquadrar”, pois, segundo ele, nunca se considerou um líder, mas, sim, um motivador, um divulgador dos ideais do MST.

Às vezes, me chamavam de líder do movimento. Eu não gosto disso, eu sempre incentivei os pequenos agricultores a lutar pelos seus direitos, e na época o que tinha de mais perto disso era o MST, porque pregava o fim da desigualdade social, buscava justiça social.⁸⁵

Devido à sua militância pelo Movimento, mesmo depois de assentado, Eduino sempre era requisitado para o auxílio de novos assentados em novas ocupações. Com isso, Eduino e sua família estiveram em vários assentamentos no estado do Paraná. Durante três anos não tiveram estabilidade em nenhum assentamento, pois quando havia a iminência de uma nova ocupação, Eduino estava quase sempre presente.

Essa “andança” durou três anos. Foi quando considerou a necessidade de seus filhos estudarem, que Eduino decidiu se estabilizar.

Fiquei de um lado para o outro ocupando as fazenda que eram improdutiva, o Movimento avisa que tinha que ir e eu ia, não pensava duas vezes. Andamos com minha família por muitos assentamento no Paraná inteiro, fiz isso por três anos. Mas quando meus filho tavam em tempo de estudar, tive que sossegar, não podia ficar andando assim por tudo lugar, tinha que pensar neles.⁸⁶

Eduino recebeu o convite para se estabelecer no P.A. Ernesto Che Guevara. Ele havia participado na ocupação, mas não haviam ficado para a distribuição dos lotes na época. Nesse momento Eduino estava de volta no assentamento em Castro. Em acordo com a liderança do Movimento, fez uma permuta entre assentados, trocando de lote com um assentado que estava no P.A. Ernesto Che Guevara e tinha a intenção de ir para o

⁸⁵ Eduino Massurini, assentado do P.A. Ernesto Che Guevara, entrevista concedida em 06/01/2010

⁸⁶ Idem, em 06/01/2010

assentamento em Castro. “Fiz uma troca. Tinha um assentado aqui que tinha parente no assentamento lá em Castro, aí fizemos a troca, tudo em acordo com os líder do MST”⁸⁷.

Ao se estabelecer no novo assentamento, Eduino não teve dificuldades, pois era conhecido da grande maioria dos que ali estavam. Mas agora as intenções de Eduino eram outras, como trabalhar em suas terras que havia conquistado, e estabilizar-se para dar segurança à sua família. Eduino logo começou a trabalhar, enfrentou todas as dificuldades que os assentados ali também tiveram.

No início recebeu ajuda dos assentados para a construção de sua casa. Logo a seguir deu início a seu trabalho na terra, no lote que recebeu. Havia uma área de cultivo de seis alqueires. Nela Eduino começou o cultivo de grãos, assim como os outros assentados. Com poucos recursos, Eduino e sua família tiveram que tentar seu primeiro trabalho ali com bastante dificuldade. Como a maioria dos assentados não teve muito sucesso, pois, como já relatado, foi um período onde, apesar do preço da soja e do milho estarem altos, isso não era garantia de lucro na lavoura, pois devido ao mercado inflacionado dos grãos, o custo para sua produção também aumentava, o que dificultava a produção do pequeno produtor, que era o caso de todos os assentados do P.A. Ernesto Che Guevara. Durante dois anos não só Eduino, mas grande parte dos que ali viviam e trabalhavam na terra, não tiveram êxito em suas lavouras, o que levou muitos a buscarem alternativas, que no caso de Eduino também foi a criação de gado leiteiro.

Tava ruim de ter lucro com soja e milho, então se reunimos com alguns ali pra buscar uma saída, então como uns já tinham começado a lidar com o leite, resolvemos também. Compramos umas vaquinhas, meu filho mais velho já me ajudava, e então começamos a lidar com o pasto pra sustentar as vacas, no lugar de soja plantamos pasto, e começamos a vender o leite pra uma empresa de Palmeira (Cidade à 90 Km do P.A.).⁸⁸

A criação de gado leiteiro hoje é uma característica do P.A. Ernesto Che Guevara, e isso se deve ao “fracasso” dos assentados no início, ao não conseguirem obter rentabilidade com o cultivo de grãos. Mas tais alternativas vieram para auxiliar e de certa forma desenvolver o P.A., pois a partir dessas “novas” maneiras de obter o

⁸⁷ Eduino Massurini, assentado do P.A. Ernesto Che Guevara, entrevista concedida em 06/01/2010 Idem, em 06/01/2010.

⁸⁸ Idem, entrevista concedida em 06/01/2010.

sustento, fizeram com que muitos assentados conseguissem prosperar, ao menos se compararmos suas atuais condições de vida com as que tinham anteriormente.

Quando Eduino aderiu à criação de gado leiteiro, melhorou significativamente suas condições. Eduino e sua família foram, com certeza, os que mais prosperaram em relação à produção de leite. Ao contrário dos outros assentados, Eduino não aderiu à produção de queijo artesanal quando surgiu a “crise” do leite nos assentamentos de toda região. Eduino, com o pouco que sobrava, investia ainda mais na compra e na criação do gado leiteiro. Por estar com um número maior de vacas e ter mais produção de leite, Eduino pôde negociar com a empresa um preço melhor. Com isso, surgiu a idéia de formar com mais alguns assentados uma “mini” cooperativa de leite. Eduino não teve êxito. A ideia não foi aceita pelos outros produtores de leite. Então, Eduino tentou melhorar e aumentar sua produção com recursos próprios.

Com o pouco que sobrava eu comprava mais uma vaquinha. E assim ia indo. Aumentei minha produção, e com isso tive chance de negociar com os cara que compram o leite, eles faziam um preço melhor, porque só a minha produção dava um caminhão tanque deles já. Tentei organizar com outros companheiro aqui pra gente formar uma cooperativa, mas não quiseram, acharam que eu tava ganhando por fora da empresa, então deixei pra lá, fui me virar sozinho.⁸⁹

Em quatro anos Eduino conseguiu 40 cabeças de gado, atingindo a produção de 1800 litros de leite mensalmente.

⁸⁹ Eduino Massurini, assentado do P.A. Ernesto Che Guevara, entrevista concedida em 06/01/2010 Idem, em 06/01/2010.



Figura 12: Criação de gado leiteiro de Eduino /P.A. Ernesto Che Guevara - Foto Léo Heraki

Como a produção de leite de Eduino era relativamente grande, ele conseguiu resolver seu problema, causado pelo não acesso dos caminhões que recolhiam o leite em dias de chuva, devido às más condições das estradas. Com o lucro obtido, conseguiu comprar um resfriador, onde podia armazenar seu produto por alguns dias, até o caminhão ter acesso ao P.A.



Figura 13: Resfriador de leite de Eduino/ P.A. Ernesto Che Guevara - Foto: Léo Heraki

Eduino relata que ainda terá que aumentar a capacidade de armazenamento, pois sua criação de gado aumenta devido à procriação natural dos animais e, com isso, no futuro necessitará se adequar.

Esse resfriador é de 530 litros. Nós vamos pegar um de mil litros que seja pra mais uns três a quatro anos, porque os animais a cada ano vão aumentando, 40 % é seguro de novilha que vai aumentando, agora esse ano vai ter 29, 30, que vai criar, então vai aumentar mais umas 15 novilhas, então em mais dois anos vai ter mais 15 vacas. É isso que a gente tem que pensar, em quatro anos tem que ter um resfriador de mil litros pra poder comportar o leite produzido.⁹⁰

Hoje, Eduino é o maior produtor de leite dentro do P.A. Ernesto Che Guevara, ele não revela sua renda, mas supõe-se que é bem razoável, pois já conseguiu com o dinheiro da produção de leite reformar sua casinha, comprar um automóvel semi-novo, e dar uma vida mais estável à sua família. Eduino mora e trabalha no P.A. Ernesto Che Guevara há treze anos. Ajudou na formação do mesmo, no auxílio aos assentados que

⁹⁰ Eduino Massurini, assentado do P.A. Ernesto Che Guevara, entrevista concedida em 06/01/2010.

estão ali e também aos que já foram embora. Eduino é citado em relatos da maioria dos assentados ali como um homem de brio e luta pela terra.

Na opinião de Eduino, o MST mudou. Afirma que o Movimento foi desvirtuado, com lideranças cada vez mais longe dos assentados. Para ele é muito difícil pensar no MST como um Movimento coeso. Com a aproximação do MST com lideranças políticas do país, considera que deixou um pouco a ideologia da Reforma Agrária em segundo plano, ficando claro que muitos dos seus integrantes têm intenções alheias à luta pela terra e pela diminuição da desigualdade social. “Sempre lutei pela terra para todos, mas hoje o movimento está dividido, muitos esqueceram o que realmente é nossa luta”.⁹¹

Eduino não pensa em deixar o P.A. Ernesto Che Guevara, ou o MST. É respeitado por todos dentro do P.A. Esse respeito veio através de sua liderança e luta pelo Movimento, que acredita estar “doente”.

4.4. O P.A. Ernesto Che Guevara nos dias de hoje

O Projeto de Assentamento que foi usado para tal estudo se encontra em meio a muitas dificuldades. Apesar do P.A. contar com alguns programas do governo para a sustentabilidade de seus assentados, ainda nota-se dentro do assentamento algumas divergências entre os assentados. Muitos não participam dos trabalhos comunitários, não ajudam nas reivindicações, e com isso os problemas internos são eminentes. Segundo relatos dos assentados, algumas famílias que se encontram no P.A., desde que ocuparam a área, não tiveram contato com os demais.

Fato a ser considerado é de que nem todos os que ali estão são oriundos do campo. Muitos vieram das cidades e estão no assentamento, mas não participam dos assuntos nem da militância do Movimento, fato comum onde se encontram tão variadas origens e motivações, os objetivos por estarem ali são diversos e com isso uma formação coesa se torna difícil. Tal relato percebe-se nos problemas criminais que alguns dos assentados do P.A. Ernesto Che Guevara estão envolvidos. Não foram raras

⁹¹ Eduino Massurini, assentado do P.A. Ernesto Che Guevara, entrevista concedida em 06/01/2010.

as denúncias de tráfico de drogas dentro do P.A. Assunto o qual ainda está sob sigilo policial, e não se pode, portanto, obter documentos a respeito.

Algo percebido durante os estudos dentro do assentamento foi a pouca presença da Igreja Católica, que de certa forma, tem presença comum devido a influencia da CPT no Movimento, nos assentamentos. No P.A. Ernesto Che Guevara existe uma presença discreta de uma igreja Evangélica que reúne alguns dos assentados, e alguns dos demais freqüentam as missas em uma paróquia fora do assentamento, algo que merece um estudo mais aprofundado no futuro.

Em relação à educação, houve pouco progresso nesses treze anos de história do P.A. No assentamento existe uma escola de ensino fundamental que atende boa parte das crianças do assentamento, mas, ao chegarem à idade que compreende a do ensino médio, elas têm que se deslocar até a cidade de Ponta Grossa.



Figura 14: Imagem da Escola dentro do P.A. Ernesto Che Guevarra – Foto: Léo Heraki

Ainda existe o problema de acessibilidade ao local onde se encontra a escola. A estrada de acesso é a mesma em que trafegam os caminhões que transportam leite e produtos agrícolas. Apesar do P.A. ter um ônibus para o transporte das crianças, devido

às más condições das estradas, acabam indo na maioria das vezes a pé ou simplesmente não indo.



Figura 15: Ônibus usado para transporte escolar das crianças do P.A. Ernesto Che Guevara. – Foto Léo Heraki.

Em relação aos projetos futuros do P.A., não se nota muita expectativa. Poucas reuniões foram feitas nos últimos anos. Devido a algumas divisões internas no assentamento, os assentados estão encontrando dificuldades para suas reivindicações.

A última assembléia interna foi há um ano, quando se reuniram para a elaboração do projeto Compra Antecipada, para o ano de 2010, cuja pauta principal da reunião foi o aumento da compra das hortaliças pelo governo, pois os participantes do projeto acreditavam que a produção poderia ser absorvida pela população local. O desfecho da reunião se deu com a aprovação de aumento da compra das hortaliças por parte do governo em 20%.



Figura 16: Assembleia para elaboração do projeto: Compra Antecipada em 2009 – Foto: Léo Heraki

Dessa forma, nota-se que o P.A. Ernesto Che Guevara enfrenta diariamente problemas e dificuldades que muitas vezes contribuem para uma imagem negativa do MST.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como procuramos mostrar ao longo desta dissertação, trabalhar com a temática dos movimentos sociais faz (re)surgir, dos mais profundos recantos do eu de cada um de seus integrantes, um mar de paixões até então recalçadas e que aparecem como o motor mais fundamental da luta contra a opressão e contra as mazelas da existência nesta sociedade pautada apenas pela avidez do lucro e valorização e revalorização constante e ininterrupta do capital.

Justificar – explicar a justeza – da luta de homens e mulheres simples contra a sede voraz do capitalista por mais e mais mais-valia não nos parece tarefa fácil, pois vivemos numa sociedade onde o direito à apropriação privada da riqueza social justifica-se como o fundamento mais elementar da liberdade e igualdade dos indivíduos membros da sociedade civil burguesa. Nesta sociedade, possuir propriedade privada e (supostamente) trabalhar para valorizar esta sua possessão aparece, aos olhos da ideologia burguesa, como a mais alta forma de glorificar e render homenagens ao deus-capital, o qual retribuiria – como dádiva – os votos de gratidão a seu (restrito) povo-eleito com mais e mais riqueza, dando-lhes possibilidades aparentemente infinitas de acumulação de capital, capital este produzido pela classe daqueles que não teriam sabido render as justas homenagens ao deus e têm agora que pagar eternamente com o suor de seu trabalho diário e ao longo de todas suas miseráveis e deploráveis vidas.

Desta forma, em sociedades pautadas pela apropriação privada da riqueza, sobretudo na sociedade burguesa – apropriação justificada ideologicamente pela lógica calvinista/cristã do trabalho como caminho necessário para salvação da alma –, onde não apenas a propriedade privada em-si da riqueza social, mas também a valorização e revalorização da mesma, possibilitando o acúmulo/aumento de tais riquezas privadas, nessa sociedade a concentração dos meios de produção – especialmente da terra – aparece não apenas como um direito do proprietário privado, mas como a condição necessária não só para sua sobrevivência terrena, mas também para a vida no além-mundo.

Nos *Grundrisse*, que é o texto dos esboços de *O capital*, Marx – tentando romper com toda esta justificação de um suposto “direito natural” à propriedade privada da terra – explica que os homens, em suas origens, não são proprietários individuais.

Marx explica que os homens são, originariamente, seres gregários que vivem em comunidade. A relação inicial de apropriação das coisas aparece como relação de apropriação *comunal* das riquezas naturais, onde a terra aparece como “o fundamento mais elementar de toda a existência humana, como o *arsenal natural* que possibilita extraírem-se as mais básicas condições objetivas para o simples *existir* dos homens em comunidade”. Os homens se relacionam entre si e com a natureza como co-proprietários dela (não no sentido jurídico do termo). Nestas origens, a terra é o *locus* objetivo possibilitador do surgimento de uma subjetividade regedora do princípio comunal/natural da comunidade. Marx explica, portanto que a criação do *indivíduo* – da *individualidade*, no sentido moderno do termo – é histórica: o homem é por natureza um ser comunal (um ser gregário, um ser de rebanho); o que o individualiza é o processo histórico, que interpõe, em seu desenvolvimento, a figura do proprietário entre os membros da comunidade e a natureza; interpõe-se, separando a figura do indivíduo apropriador, do indivíduo que impõe seu Eu (sua vontade subjetiva) objetivamente ao modo de apropriação da riqueza material (natural e ou já produzida pelos homens) como também sobre as vontades dos demais membros da comunidade. Estes, agora, nesta nova relação, nem são exatamente *sujeitos* (no sentido forte do termo) – pois sua subjetividade/vontade está determinada pela vontade do proprietário – nem mais são proprietários naturais de suas condições objetivas de existência, passando a ter, então, uma relação de alienação – perda de controle, de compreensão, “não-consciência” de seu real status, no sentido marxista/hegeliano do termo – tanto com a natureza quanto consigo próprio e com seus semelhantes.

Assim, para se justificar a justeza da *luta pela terra* na atualidade, pensamos que não é no direito burguês que devemos buscar tal explicação – que fala de direito universal à propriedade, mas que assegura ao mesmo o direito inalienável do proprietário privado (e como já está pressuposto aqui que todas as riquezas do mundo são hoje, de alguma forma, propriedade de alguém [privada ou estatal], acreditamos que seria ingenuidade imaginarmos numa bondade quase divina dos mesmos em redistribuir seus bens de livre e espontânea vontade).

Pensamos que o lugar onde devemos buscar tal justificativa para a justeza da luta pela terra está na formação histórica da sociabilidade humana, tal qual fez Karl Marx, pois pensamos que é somente na compreensão histórica do processo de separação entre homem e natureza (como dissemos acima) é que podemos compreender e justificar a

tentativa de retorno dos homens à sua relação mais fundamental com a natureza: a do retorno ao campo, do retorno àquela relação originária, simples, do homem com o solo, com seu arsenal de objetos e meios para sua subsistência.

Pensamos, portanto, que, no caso do Brasil, é na forma original de distribuição das terras desde o período colonial (como procuramos mostrar no primeiro capítulo) que se encontra a explicação para a altíssima concentração fundiária no país hoje: a má distribuição originária determinou toda a forma de relacionamento com a terra posteriormente, sobretudo a partir do instante em que o modo de produção capitalista fincou suas bases de forma absoluta por estas bandas, industrializando o campo ao mesmo tempo em que expulsou sua população rural para os grandes centros urbanos.

E é, parece-nos, exatamente nesta compreensão histórica do processo de (má)distribuição fundiária no Brasil que o Movimento dos Trabalhadores Sem Terra procura justificar a justeza de sua luta pela reforma agrária. A terra é o bastião mais fundamental para a sobrevivência de famílias integrantes do MST que há gerações retiram seu sustento de sua relação com o solo. É desta relação simples – e, às vezes, até mesmo *ingênua* – do trabalhador-assentado com a terra que ara que ele encontra o sentido mais profundo de sua existência, pois é nesta relação que ele se percebe em contato com o que há de mais originário e fundamental no ser humano: que ele é também um ser natural, que ele é um animal integrante da natureza, e percebe também que seu fundamento é ser re-apropriado pela *Phýsis*, pela natureza mais fundamental (no sentido grego) e aflorar não seu ser racional, mas seu ser sensível, sua sensibilidade enquanto animal que aprendeu a ter vontade.

Estas paixões pela luta contra esta separação da relação direta dos homens com a terra, como dissemos acima, podem ser percebidas a partir dos integrantes do Movimento no Assentamento Ernesto Che Guevara, como, por exemplo, quando o senhor Adelir, assentado desde a ocupação se refere ao Movimento dos Trabalhadores Sem Terra como a “coisa” mais parecida com justiça que já viu, ou quando vemos nas trajetórias de vida de pessoas que tiveram sua vida no campo interrompida pelo algoz avanço tecnológico, com isso embrenharam-se em um mundo diferente atrás do sustento para sua sobrevivência, fazendo de suas dificuldades a “ante-sala” para a formação de uma consciência de classe, reconhecendo-se como tal, fazendo muitas vezes de uma busca individual uma luta coletiva.

O progresso da agricultura capitalista significa progresso na arte de despojar não só o trabalhador, mas também o solo; e todo o aumento da fertilidade da terra num tempo dado significa esgotamento mais rápido das fontes dessa fertilidade.⁹²

Assim, ao final desta pesquisa, acreditamos que o problema da luta pela redistribuição fundiária no Brasil se justifica por este viés histórico que Marx e muitos marxistas procuraram teorizar e não pela ideologia burguesa do direito inalienável da propriedade privada das terras, hoje concentradas em poucas mãos.

⁹² MARX, Karl. *O capital: crítica da economia política*. [Tradução de Reginaldo Sant'Ana]. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 2010, p. 571.

REFERÊNCIAS:

- BANDECCHI, Brasil. *A origem do latifúndio no Brasil*. São Paulo: Ed. Fulgor, 1963.
- BOSI, Eclea. *Memória e Sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo: Ed. Companhia das letras, 1999.
- BRANDÃO, Elias. *História Social: da invasão do Brasil ao maxixe e lambari*. Maringá: Ed. Massoni, 2003.
- CAMPIGOTO, José Adilçom. *O MST em Santa Catarina: narrativa de um trabalhador rural*. Blumenau: Ed. Edifurb, 2006.
- CAVALCANTI, Joaquin Nunes Coutinho. *Reforma agrária no Brasil: projeto brasileiro aplicado em Cuba, em vias de ser aplicado no Brasil*. São Paulo: Ed. Autores Reunidos, 1961.
- CHAUI, Marilena. *Convite a Filosofia*. São Paulo: Ed. Ática, 2000.
- COMPARATO, Bruno Konder. *A ação política do MST*. São Paulo: Ed. Perspectiva, 2001. (No texto não tem página).
- COSTA, Maria Cristina. *Sociologia: introdução à ciência da sociedade*. São Paulo: Ed. Moderna, 1997.
- GOHN, Maria da Gloria. *Teoria dos Movimentos Sociais, paradigmas, clássicos e contemporâneos*. São Paulo: Ed. Edições Loyola, 2004.
- GOLIN, Tau. *A fronteira: os tratados de limites Brasil – Uruguai – Argentina, os trabalhos democráticos, os territórios contestados e os conflitos na bacia da Prata*. Porto Alegre: Ed, L&PM, 2004.
- GRAZIANO, Francisco. *A tragédia da terra: o fracasso a reforma agrária no Brasil*. São Paulo: Ed. Iglu editora Ltda. 1991.
- MARTINS, José de Souza. *O sujeito oculto: ordem e transgressão na reforma agrária*. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2003.
- _____. *Fronteira: a degradação do outro nos confins do humano*. São Paulo: Ed. Contexto, 2009.
- MARX, Karl; ENGELS, Frederich. *Manifesto do partido comunista*. [Tradução de Sueli Tomazzini Barros Cassal]. Porto Alegre: Ed. L&PM, 2006.
- MARX, Karl. *O Capital: crítica da economia política*. [Tradução de Reginaldo Sant’ana]. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.
- MORISSAWA, Mitsue. *A história da luta pela terra e o MST*. São Paulo: Ed. Expressão Popular, 2001.

MULLER, Ricardo Gaspar. *Revisitando E. P. Thompson e a Miséria da Teoria*, Florianópolis SC: Ed. Revista Diálogos- UEM, 2007.

NETO, Luiz Bezerra. *Sem - Terra aprende e ensina: Estudo sobre as práticas educativas do movimento dos trabalhadores rurais*. Campinas: Ed. Autores associados, 1999.

OLIVEIRA, Rita de Cássia da Silva (org.). *Sociologia: consensos e conflitos*. Ponta Grossa: Ed. UEPG, 2001.

PRADO Jr, Caio. *História econômica do Brasil*. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1973.

PRIORE, Mary Del. *Historia das mulheres no Brasil*. Cord. Bassanezi, Carla, São Paulo: Ed. Contexto, 2004.

RUSS, Jaqueline. *Dicionário de filosofia*. São Paulo: Espicione, 1994, p. 48

SANTOS, F; PETUBA, R. *Identidade em construção: experiências comuns de trabalhadores rurais sem terra nos Campos Gerais. (1970-2003)*. Ponta Grossa: Revista de História Regional, 2007.

SCOLESE, Eduardo. *A reforma agrária*. São Paulo: Ed. Publifolha, 2005.

SIGAUD, Don Geraldo de Proença. *Reforma agrária: questão de consciência*. São Paulo: Ed. Vera Cruz Ltda; 1962.

SILVA, Eni Ferreira. *Sociologia: consensos e conflito*. org. Rita de Cássia da Silva Oliveira, Ponta Grossa Ed. UPG, 2001, p. 91.

SILVA, Maria Aparecida de Moraes. *A luta pela terra: experiência e memória*. São Paulo: Ed. UNESP, 2004.

STÉDILE, João Pedro e Frei Sergio. *A luta pela terra no Brasil*. São Paulo: Ed. Pagina aberta Ltda; 1993.

STÉDILE, João Pedro e Bernardo Mançano Fernandes. *A trajetória do MST e a luta pela terra no Brasil*. São Paulo: Ed. Fundação Perseu Abramo, 1996.

STÉDILE, João Pedro. *A questão agrária no Brasil*, coordenação Wanderley Loconte, Ed. Atual Ltda., São Paulo, 1997.

EFANIAK, Janeth Nunes. *Propriedade e função social: perspectivas do ordenamento jurídico e do MST*. Ponta Grossa: Ed. UEPG, 2003.

TEDESCO, João Carlos; CARINI, Joel João. *Conflitos agrários no norte gaúcho 1960 – 1980*. Porto Alegre: Ed. EST; 2007.

THOMPSON, Paul. *A voz do passado – história oral*. São Paulo: Ed. Paz e Terra, 1992

THOMPSON, E.P. *A formação da Classe Operária Inglesa I: a árvore da liberdade*. São Paulo: Ed. Paz e Terra S/A, 1997.

THOMPSON, E.P. *A formação da Classe Operaria Inglesa II: a maldição de Adão*. São Paulo: Ed. Paz e Terra S/A, 2002.

TRUJILLO, Ferrari Afonso. *Fundamentos de Sociologia*. São Paulo: Ed. Mc Graw Hill do Brasil, 1993.